

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Denise Costa Ceroni

**A EDUCAÇÃO DE ADULTOS MADUROS E IDOSOS: APRENDIZAGENS
ESCOLARES CONSTRUÍDAS E PARTILHADAS NO GRUPO REVIVENDO A VIDA**

Porto Alegre
2011

Denise Costa Ceroni

**A EDUCAÇÃO DE ADULTOS MADUROS E IDOSOS: APRENDIZAGENS
ESCOLARES CONSTRUÍDAS E PARTILHADAS NO GRUPO REVIVENDO A VIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador:

Prof. Johannes Doll

Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação

Porto Alegre
2011

Denise Costa Ceroni

**A EDUCAÇÃO DE ADULTOS MADUROS E IDOSOS: APRENDIZAGENS
ESCOLARES CONSTRUÍDAS E PARTILHADAS NO GRUPO REVIVENDO A VIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: ____/____/____

Prof. Dr. Johannes Doll – Orientador

Prof.^a Dra. Simone Valdete dos Santos

Prof. Dr. Jaime José Zitkoski

Prof.^a Dra. Andrea Lopes

Dedico este trabalho ao Grupo Revivendo a Vida que, ao longo desses anos, tem me ensinado o valor da superação, da amizade e do prazer de ensinar e de aprender!

“Ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e anunciar”

Paulo Freire

Agradeço a Deus - Criador de todas as coisas!

Agradeço ao Centro Universitário Ritter dos Reis, ao senhor Reitor Dr. Flávio D'Almeida Reis e sua esposa, professora Ivelone Reis, que sempre acolheram e apoiaram as demandas do Grupo Revivendo a Vida, bem como, possibilitaram a minha permanência frente ao grupo;

Agradeço a ProPex na pessoa do Pró-Reitor, professor Sidnei Silveira pelo apoio institucional irrestrito;

Agradeço a professora Neusa Kern Hickel pela partilha dos saberes e dos sabores nas conversas de almoço... Por permitir-se conhecer por mim... Por acreditar que um mundo melhor é possível, sim... Pelo investimento nos projetos extensionistas... E por reconhecer a minha capacidade docente... Por me impulsionar na conquista dos meus desejos;

Agradeço ao curso de Pedagogia na pessoa da professora Ana Cristina Rangel que sempre dispensou atenção e consideração aos participantes do Grupo Revivendo a Vida;

Agradeço aos estudantes adultos maduros e idosos do Grupo Revivendo a Vida, aos monitores acadêmicos do curso de Pedagogia, aos professores voluntários, aos estagiários com os quais tenho partilhado e construído novos aprendizados;

Agradeço as amigas Adriana Oliveira, Marcele Ávila, Cristina Lanius e Rejane Plinski companheiras de sonhos e de labor que pacientemente me ouviram e amorosamente me incentivaram nesta caminhada;

Agradeço a Ângela Maria, pela amizade, pela parceria e pela disponibilidade;

Agradeço a “teacher” Elisângela Tarouco pelos momentos de leituras, estudos e confidências;

Agradeço a colega Margarete Noro que gentilmente estendeu seu olhar acurado sobre meus escritos;

Agradeço aos professores do PGDEU/UFRGS com os quais tenho aprendido e ressignificado alguns conhecimentos, em especial, à professora Simone Valdete dos Santos;

Agradeço ao meu orientador professor Dr. Johannes Doll pela sua generosidade em socializar o conhecimento e pela confiança em mim depositada;

Agradeço aos meus queridos e amados filhos com os quais tenho experimentado e compreendido o que é o amor. Bianca e Anuar: com quem partilho as angustias e as alegrias de sermos pais, professores e pesquisadores; Giovani e Sabrina: com quem tenho aprendido o sofrimento da distância e, embora distantes, sempre presentes em meu coração; Luigi e Karen com quem tenho desfrutado da companhia ora silenciosa, ora bem humorada, mas sempre afetuosa; Bibiana e Gelson: com quem tenho compartilhado as alegrias e as tristezas, os acertos e as tentativas, o desafio de serem os pais do Leonardo;

Agradeço aos meus queridos netos, Larissa e Leonardo: com eles tenho revivido as estripulias da infância e os arroubos da adolescência, cada um a seu modo tem me ensinado tanto sobre a vida e a emergência de sermos felizes;

Agradeço aos Grupos de Oração com os quais temos partilhado a fé e a esperança no amor de Deus;

Agradeço ao meu esposo, amor da minha vida, com quem tenho repartido as emoções, os problemas, as alegrias, os desafios... O ombro amigo em que posso repousar, chorar, sorrir, sonhar e namorar... Meu porto seguro, companheiro de todos os momentos! Sem o teu apoio e teu amor, eu nada poderia!

Agradeço “in memoria” aos meus pais, Celina e Luiz Carlos, pelo testemunho de amor e fraternidade que permeou a minha história de vida.

Grupo é... Grupo

A cada encontro: imprevisível.

A cada interrupção da rotina: algo inusitado

A cada elemento novo: surpresas.

A cada elemento já parecidamente conhecido: aspectos desconhecidos

A cada encontro: um novo desafio, mesmo que supostamente já vivido.

A cada tempo: novo parto, novo compromisso fazendo história.

A cada conflito: rompimento do estabelecimento para a construção da mudança.

A cada emoção: faceta insuspeitável.

A cada encontro: descobrimentos de terras ainda não desbravadas...

Grupo é Grupo.

(FREIRE, apud LIMA, 2000, p.68-69)

RESUMO

O presente trabalho tem como intenção averiguar como as experiências e aprendizagens pedagógicas desenvolvidas no Grupo Revivendo a Vida se relacionam no cotidiano dos adultos maduros e idosos que dele fazem parte. Como a construção de novos conhecimentos, a ressignificação dos saberes escolares, a manutenção e a ampliação das possibilidades cognitivas dos estudantes adultos maduros e idosos influenciam as atividades da vida diária desses sujeitos? Ainda nesse sentido, esta pesquisa almeja construir novos conhecimentos e refletir sobre as questões da aprendizagem escolar para as pessoas adultas maduras e idosas. Para tanto, foi realizada uma Pesquisa Participante ao longo do ano de 2010, com estudantes alfabetizados. Foram considerados nessa análise, a observação participante, os dados presentes na ficha de inscrição no grupo e um questionário que tencionou coletar algumas informações acerca das relações com o próprio processo de aprendizagem. Com relação aos respondentes, foram escolhidos os cinco (5) estudantes mais velhos para participarem de uma entrevista semiestruturada. A partir das entrevistas realizadas e, também, com base nas observações e na análise documental foi possível traçar algumas considerações acerca da indagação que deu origem a essa pesquisa. A partir da análise, as reflexões construídas foram agregadas em quatro temas centrais: a memória, a convivência, a imagem positiva de si mesmo e a capacidade de se manter atualizado. Entre outros achados, foi possível perceber que frequentar o ambiente acadêmico pode ressignificar as aprendizagens escolares e, ao mesmo tempo, permitir que se experimente o lugar de estudante anunciando que é possível viver a velhice de uma forma bem sucedida e feliz.

Palavras-chave: Educação de Adultos Maduros e Idosos; Aprendizagem; Pesquisa Participante

ABSTRACT

This research aims to investigate how both the educational and learning experiences, which have developed on the group Revivendo a Vida correlate in the daily lives of mature adults and elderly people. The question is how the new knowledge, the resignification of school knowledge, the maintenance and expansion of mature adults and elderly students' cognitive possibilities influence the daily activities of such subjects. Also in this sense, this research aims to build new knowledge and reflect on the issues of school learning for mature adults and elderly people. In order to achieve that, a Participant Survey was carried out throughout 2010, with literate students. For this analysis it was taken into account the participant observation, the data present in the registration forms of the Group and a questionnaire intended to collect some information related to the associations with the learning process itself. Regarding the respondents, five (5) older students were chosen to take part into a semi-structured interview. Upon the conducted interviews and, also, based on the comments and on the documental analysis it was possible to draw some considerations about the question which has given rise to this search. From the analysis, the reflections built were grouped into four central themes: the memory, the coexistence, the positive image of oneself and the ability to keep oneself updated. Among other findings, it was possible to realize that participating on the academic environment can bring new meaning to the school learning and, at the same time, enable the experience of being on the student's place announcing that it is possible to live the old age successfully and happy.

Keywords: Educations of the Elderly and Adults; Learning; Action Research

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O CONTEXTO SOCIAL DO GRUPO REVIVENDO A VIDA E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO POR TODA A VIDA.....	15
2.1 A ORIGEM DO GRUPO REVIVENDO A VIDA.....	25
2.2 Características Sociodemográficas Do Grupo Revivendo A Vida.....	35
3 O CAMINHO DA PESQUISA: QUESTIONAR PARA PENSAR SOBRE O SENTIDO DA EDUCAÇÃO E DA CONVIVÊNCIA NO GRUPO REVIVENDO A VIDA.....	41
4 APRENDENDO A PRÓPRIA VIDA: OS SUJEITOS DO GRUPO REVIVENDO A VIDA E SUAS NARRATIVAS.....	52
4.1 APRENDER NÃO OCUPA LUGAR.....	52
4.2 ABRIR A MENTE É ENXERGAR AS COISAS COM MAIS CLAREZA.....	53
4.3 ALGUÉM SE IMPORTA E QUER ME CONHECER MELHOR.....	56
4.4 É QUE FICAR VELHO TEM DESSAS COISAS VAI APARECENDO DE TUDO UM POUCO.....	59
4.5 POSSO DIZER ASSIM... HOJE EU TENHO ONDE BUSCAR.....	61
4.6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES REFLEXIVAS.....	63
5 CONCLUSÃO.....	72
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE A.....	81
APÊNDICE B.....	82
APÊNDICE C.....	83

1 INTRODUÇÃO

Ao considerar a educação como um direito de todo o cidadão e o envelhecimento como um processo do desenvolvimento humano, faz-se necessário em nossa sociedade pesquisar, refletir e discutir sobre tais questões. Assim como tantas outras áreas do conhecimento humano, a educação tem um papel essencial na maneira de olhar, pensar e viver o envelhecimento humano.

É imprescindível em nossa sociedade construir novas formas de pensar e compreender a aprendizagem e o envelhecimento humano como processos vitais na constituição dos sujeitos. Vivemos em tempos incertos bombardeados por informações, em um mundo que atingiu níveis de desenvolvimento nunca antes experimentados. Entretanto, os bolsões de miséria se alargam e, cada vez mais, a riqueza está instalada nas mãos de poucos. Nesse cenário caótico, a expectativa de vida atinge horizontes assustadores se pensarmos que ainda há muito a ser feito.

Em uma época em que a longevidade se faz presente e anuncia novos desafios para toda a sociedade, parece relevante pesquisar sobre a aprendizagem das pessoas idosas. Conforme os dados do IBGE,

Os brasileiros estão vivendo mais. Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostra que a expectativa de vida no País aumentou cerca de três anos entre 1999 e 2009. Assim, é esperado que um brasileiro viva pelo menos 73,1 anos. As menores taxas de mortalidade são registradas entre as mulheres, por isso elas têm vivido por mais tempo e somam 55,8% das pessoas com mais de 60 anos no País. No período avaliado a expectativa de vida delas passou de 73,9 anos para 77 anos. Entre os homens, subiu de 66,3 anos para 69,4 anos.

Nesse contexto, a educação e o envelhecimento precisam ser repensados, pois estão entrelaçados na vida dos sujeitos. Aprender ao longo da vida se faz presente em todas as esferas sociais. Historicamente sabemos que a escola, suposto lugar de ensino e de aprendizagem, também produziu fracasso escolar e exclusão social. Apartou as crianças pobres e diferentes do direito de estudar. Em suas trajetórias de vida foram se constituindo como sujeitos e construíram suas aprendizagens nas relações de família, de trabalho e no mundo.

Sendo assim, algumas questões vem me inquietando e incomodando, tais como: Por que as pessoas idosas voltam a estudar depois de tantos anos? Como pensam a aprendizagem escolar? Quais os sentimentos que perpassam as experiências pedagógicas? Quais os desafios que insurgem ao grupo quando se percebem sujeitos ativos do próprio processo de aprender?

As escolhas, as decisões e a provocação de conectar-se ao mundo-vida enquanto sujeitos aprendentes em processo de envelhecimento podem contribuir para a construção de uma nova velhice. E, principalmente, como as experiências pedagógicas vivenciadas em determinado grupo se relacionam no cotidiano desses sujeitos.

Sendo assim, a pesquisa tenciona averiguar como as contribuições que as aprendizagens pedagógicas desenvolvidas no Grupo Revivendo a Vida se relacionam no cotidiano dessas pessoas. Como a construção de novos conhecimentos, a ressignificação dos saberes escolares, a manutenção e a ampliação das possibilidades cognitivas dos estudantes adultos maduros e idosos influenciam as atividades da vida diária desses sujeitos?

Ainda nesse sentido, esta pesquisa almeja construir novos conhecimentos e refletir sobre as questões da aprendizagem escolar para as pessoas adultas maduras e idosas. Buscará, através da fundamentação teórica, refletir sobre as propostas educacionais oferecidas ao longo dos anos e que tem delineado projetos e programas para um envelhecimento ativo, tendo como pano de fundo a perspectiva de que a educação e o envelhecimento são processos que humanizam e se relacionam ao longo de toda a vida.

O segredo da pesquisa talvez esteja em penetrar esse simples, movimentar-se dentro dele, entre suas fissuras e saliências. Esse simples e óbvio não nos encontra na escrivania, protegidos entre os livros, atrás da tela do computador. O óbvio nos encontra nas ruas, nas salas de aula, nas rodas de conversas, sempre que estejamos dispostos a um tipo de escuta em que deixamos cair nossas defesas e barreiras, quando abandonamos a posição daqueles que já sabem e que imaginam ter enfiar cada pedaço do mundo e da experiência em determinado lugar ou lhe colocar uma etiqueta. Possivelmente nos surpreendêssemos então com a constatação de que vivemos num mundo mágico, sobre o quão pouco ou nada sabemos das coisas que nos cercam, desde a variedade dos pássaros que cantam e brincam no jardim, o computador que faz parte de nossa rotina diária, ou o que acontece quando aprendemos ou não aprendemos. (STRECK, 2006, p.265)

A escolha pelo método foi um processo reflexivo e de questionamentos. Não sei se eu escolhi a Pesquisa Participante ou se fui por ela escolhida. O fato de estar envolvida há alguns anos, com e na educação de adultos maduros e idosos em um projeto extensionista de uma IES, imprimiu em mim uma marca com o compromisso ético e humanista e com os princípios da educação popular. A minha trajetória docente se construiu na rede pública estadual de ensino e fui me tornando educadora na relação com as crianças, seus familiares, professores e colegas de escola, leituras e estudos, assombros e descobertas.

Além disso, enquanto aprendia a ser professora para ensinar, descobria o quanto inacabada sou. A luta pela educação popular permeou a minha caminhada e a necessidade de

reinventar alternativas para a libertação da opressão e dos grilhões da ignorância daqueles que, historicamente, foram excluídos. O lugar do qual desloco minha fala não pretende ser o da militância cega, mas sim do lugar de uma postura ética e humana que compreende a educação como possibilitadora de transformar vidas e oferecer caminhos.

Historicamente, na década de 60 do século XX, as sociedades passavam por mudanças em suas estruturas e a Pesquisa Participante surgiu com uma perspectiva diferente aproximando mais o pesquisador e o objeto de pesquisa. A denominação de pesquisa participante adequou-se conforme o país de origem, a área de atuação e a área de conhecimento. A expressão “pesquisa participante” foi cunhada por pesquisadores norte-americanos e europeus submergidos com projetos sociais no Terceiro Mundo.

Entre os anos 1960 e 1980, segundo historiadores e intelectuais da cultura da América Latina, alguns ativistas sociais e intelectuais posicionados entre a Argentina e o México exportam para o nosso estado as teorias e metodologias fundantes dos *movimentos populares*, da *educação popular*, da *teologia da libertação* e da tradição latino-americana da *pesquisa participante*.

Conforme Brandão,

A pesquisa participante surge no bojo desses acontecimentos e quase sempre à margem das universidades e de seu universo científico, embora uma parte de seus principais teóricos e praticantes provenha delas e nelas trabalhe. Apenas alguns anos mais tarde, e com resistências, algumas teorias e práticas da pesquisa participante ingressam no mundo universitário latino-americano, e de modo geral mais pelo trabalho de estudantes e raros professores também ativistas de causas sociais do que pelo de docentes e pesquisadores de carreira. (BRANDÃO, 2006, p.29)

Ao educador Paulo Freire é conferido o reconhecimento de ter criado uma forma alternativa de pesquisa e ação educativa tendo em vista o conjunto de experiências educativas em países da América do Sul como o Chile e Peru, embasadas na concepção conscientizadora e libertadora de educação.

Segundo Grossi (1981),

Pesquisa participante é um processo de pesquisa no qual a comunidade participa na análise de sua própria realidade, com vistas a promover uma transformação social em benefício dos participantes que são oprimidos. Portanto, é uma atividade de pesquisa, educacional orientada para a ação. Em certa medida, tentativa da Pesquisa Participante foi vista como uma abordagem que poderia resolver a tensão contínua entre o processo de geração de conhecimento e o uso deste conhecimento, entre o mundo “acadêmico” e o “irreal”, entre intelectuais e trabalhadores, entre ciência e vida. (GROSSI,1981,p.9)

Sendo assim, esta Pesquisa Participante foi realizada em um grupo de estudantes adultos maduros e idosos denominado Grupo Revivendo a Vida. Esse grupo participa de um projeto extensionista no Centro Universitário Ritter dos Reis, na cidade de Porto Alegre, RS. O Grupo Revivendo a Vida tem 70 participantes e é composto de duas turmas, uma de Alfabetização e a outra de Pós-Alfabetização. A pesquisa foi desenvolvida com a turma de Pós- Alfabetização, que totaliza 45 pessoas, seis homens e 39 mulheres.

Conforme Danilo Streck (2006), antes do domínio de determinadas técnicas, pesquisar implica capacidade de escutar, um escutar denso, intenso e (im)paciente. Sendo assim, a escuta apurada das observações no contexto em que estão inseridos quer seja o espaço da sala de aula e, em outros espaços da cidade, em momentos de aprendizagem escolar e em momentos sociais onde o grupo compartilhava seus saberes, os dados da pesquisa foram registrados em um caderno de campo e serviram como suporte para a reflexão e busca da compreensão dos ditos e não ditos. Também foram registradas imagens por fotos e vídeos.

Além disso, foram considerados na análise os dados presentes na ficha de inscrição no grupo que serão apresentados com o título *Características sociodemográficas do Grupo Revivendo a Vida*.

Também foi conduzida a elaboração de um questionário que tencionou coletar algumas informações acerca das relações com o próprio processo de aprendizagem e, também, ajudar os estudantes a pensarem sobre tais questões. Nesse sentido, foram distribuídos 45 questionários na turma de pós-alfabetização dos quais 25 retornaram preenchidos. A análise do mesmo serviu para conhecer melhor as impressões do grupo e originou o texto intitulado *O caminho da pesquisa: questionar para pensar sobre o sentido da educação e da convivência no Grupo Revivendo a Vida*.

Dos 25 questionários preenchidos, foram escolhidos os cinco (5) estudantes mais velhos para participarem de uma entrevista semiestruturada. Para preservar a identidade dos participantes os nomes utilizados são fictícios. As entrevistas ocorreram em momentos diferentes e foram realizadas no ambiente da Biblioteca da instituição, por ser um local amplo, agradável, confortável e de certa forma, tranquilo. Cada entrevista transcorreu como uma conversa, respeitando o tempo necessário para pensar e responder. A pedido dos entrevistados, não foi utilizado o gravador. As respostas foram registradas pela escrita da pesquisadora em um exercício de escutar-olhar-escrever. A análise das entrevistas e a reflexão construída geraram este relato de pesquisa.

Para tanto será apresentado o texto *O contexto social do Grupo Revivendo a Vida e a*

importância da educação por toda a vida, uma reflexão acerca da educação permanente, suas bases teóricas e a relação com as pessoas idosas e, também, a origem do Grupo Revivendo a Vida e sua historicidade como um grupo de estudantes adultos maduros e idosos.

A seguir será apresentado o texto O caminho da pesquisa: questionar para pensar sobre o sentido da educação e da convivência no Grupo Revivendo a Vida.

O próximo capítulo abordará a análise das entrevistas em profundidade dos cinco sujeitos da pesquisa, intitulado *Aprendendo a própria vida: os sujeitos do Grupo Revivendo a Vida e suas narrativas* e algumas reflexões teóricas.

Por fim, apresento as reflexões conclusivas da pesquisa.

2 O CONTEXTO SOCIAL DO GRUPO REVIVENDO A VIDA E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO POR TODA A VIDA

Educar para a vida é educar para um mundo em que nada nos é estranho. A educação vê-se obrigada a repensar suas metas e a revisar seus conteúdos. (SACRISTÁN, 2007, p.16)

Vivemos em um mundo globalizado e, aparentemente, sem fronteiras. No entanto, temos consciência de que as fronteiras existem em diversas instâncias de nossa sociedade, como por exemplo, no acesso e na permanência na escola, no reconhecimento e no respeito aos saberes populares, na consideração à diversidade enquanto possibilidade de manifestação da condição humana. Esses tempos atuais são marcados pela rapidez das informações, pelo desenvolvimento da tecnologia e, também, pela quebra de paradigmas, o que evidencia a ruptura de antigos valores. Sendo assim, há uma urgência para que as pessoas continuem construindo aprendizagens ao longo de toda a vida.

Nesse sentido, a adaptação e a inclusão das pessoas idosas nessa sociedade precisam ser pensadas, planejadas e acreditadas como favorecedoras de um bem estar na velhice. E, ao nos referimos há esses tempos é possível encontrar eco nas palavras de Sacristán quando reflete que

Vivemos em um mundo emaranhado em tudo, para o bem e para o mal. Mesmo que com diferentes graus de proximidade, compomos comunidades que compartilham experiências além das circunstâncias locais que rodeiam cada um de nós. Estamos com outro além do círculo de pessoas com as quais temos laços diretos. (SACRISTÁN, 2007, p.16)

Sendo assim, como viver a velhice em tempos tão conturbados? Como ser sujeito em processo de envelhecimento e continuar aprendendo? Envelhecimento e educação são processos vitais e que se relacionam ao longo de toda a vida. Se acreditarmos na educação como um processo que humaniza e que pode transformar a vida das pessoas parece pertinente reconhecer a relevância das ações pedagógicas criadas e direcionadas às pessoas adultas e idosas. Além disso, a educação é uma das tantas oportunidades de formação integral dos sujeitos, tanto para quem ensina quanto para quem aprende. E, se pensarmos a educação como algo permanente, é possível reconhecer a estreita relação entre viver e aprender.

Relembro o artigo “Educação Permanente: Perspectiva para o Trabalho Educacional com o Adulto Maduro e o Idoso” de Meire Cachioni e Lúcia Saccomori Palma, no Tratado de

Gerontologia, que estabelece uma profícua reflexão sobre a educação ao longo da vida, representada pela Educação Permanente ofertada por instituições educacionais em todo o mundo. O paradigma de desenvolvimento ao longo da vida faz referência que a velhice é mais uma das fases do desenvolvimento humano, fase essa caracterizada por perdas e ganhos. Tal paradigma enfatiza a educação como promotora de uma velhice bem-sucedida em todos os aspectos, ou seja, biológico, psicológico e social.

As autoras, Cachioni e Palma (2006) explicitam o que podemos entender como uma das fontes da Educação Permanente na modernidade quando afirmam que

A pedido da UNESCO, uma Comissão Internacional de especialistas de todo o mundo realizou um relatório sobre a educação para o século XXI, sob o título Educação – Um Tesouro a Descobrir, iniciado em março de 1993 e concluído em setembro de 1996, Jaques Delors (1999, p.11), coordenador do relatório, alerta: diante dos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais de paz, da liberdade e da justiça social...a educação no papel essencial para o desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas como das sociedades. Não como um remédio milagroso, não como um abre-te-sésamo de um modo que atingiu a realização de todos os seus ideais, mas, entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras... (CACHIONI E PALMA 2006, p.1456)

Nesse contexto, é possível encontrar no referido relatório os princípios da educação com uma concepção mais alargada do processo educativo. A educação passa a ser entendida como uma experiência global a ser desenvolvida ao longo de toda a vida. Para tanto está alicerçada em quatro pilares que serão elencados a seguir (DELORS, 2001):

- Aprender a conhecer como um meio e uma finalidade de vida, a curiosidade, a autonomia e a atenção são valorizadas, aprender precisa ser prazeroso, o pensamento precisa ser exercitado. Aprender para conhecer supõe antes de tudo, aprender a aprender;
- Aprender a fazer e a conhecer são em larga medida indissociáveis à capacidade de comunicação, de trabalhar em equipe e de resolver problemas que são cada vez mais importantes em um mundo que sofreu transformações profundas nos últimos 50 anos;
- Aprender a viver juntos; aprender a viver com os outros: este talvez, um dos maiores desafios para a humanidade. Os seres humanos tendem a valorizar as suas qualidades e as de seu grupo e, muitas vezes, nutrem preconceitos em relação aos

que são diferentes, os outros. O clima de competição e concorrência do sistema capitalista gera mais tensão e rivalidades entre as pessoas. A educação precisa viabilizar a descoberta de si mesmo; o desenvolvimento da empatia e o reconhecimento e o respeito pelo outro. Além disso, estimular e valorizar a participação em projetos comuns;

- Aprender a ser significa que a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. E, segundo Delors (2001), todas as pessoas têm direito a liberdade de pensamento, a capacidade de discernir, sentir e imaginar para desenvolver seus talentos e serem donos de seu próprio destino.

Sendo assim, é possível afirmar que esses quatro pilares carecem inspirar e orientar as propostas educativas e a elaboração de programas que atendam a educação de adultos. Também, é claro, de embasar as políticas pedagógicas, quer sejam públicas ou privadas, pois estão presentes ao longo de toda a vida dos seres humanos.

Na perspectiva de Cachioni e Palma (2006) a educação deve, pois, adaptar-se constantemente às transformações da sociedade, sem deixar de transmitir as aquisições e os saberes básicos, frutos da experiência humana. A educação se faz cada vez mais indispensável na sociedade moderna tendo em vista algumas especificidades tais como a existência humana em diferentes períodos como o tempo da infância, da juventude, da atividade profissional e da aposentadoria. O tempo da infância e da juventude em princípio constitui-se como tempo da educação escolar. O tempo da atividade profissional parece ser cada vez mais exíguo e o da aposentadoria cada vez maior. Certamente outro grande desafio para a sociedade contemporânea, é a questão do trabalho e da aposentadoria.

Envolvida e comprometida com a Educação de Adultos desde o ano de 2004, corroboro com Cachioni e Palma (2006) quando afirmam que

É extremamente significativa a procura por atividades educacionais por parte dos adultos e dos idosos, através de programas oferecidos em universidades, em cursos de línguas; em formação profissional e reciclagem; em formação no interior de diferentes associações ou sindicatos; em sistemas de aprendizagem aberta à formação à distância (CACHIONI E PALMA, 2006, p.1457).

Ainda segundo Cachioni e Palma (2006), na atualidade há uma tendência mundial para uma educação de adultos e idosos. Em países como o Japão e a Suécia a participação dos

mesmos gira em torno dos 50%, o que representa uma forte probabilidade de Educação Permanente. Nesse sentido, percebe-se uma emergência em educação, uma nova exigência em educação: a Educação Permanente em uma sociedade em mudança, onde as pessoas precisam construir conhecimentos mais dinâmicos do mundo, dos outros e de si mesmos durante toda a vida. Mais uma vez ancorada nas leituras e estudos de Cachioni e Palma (2006) concordo quando afirmam que

O conceito de educação ao longo de toda a vida representa para o ser humano uma construção contínua dos seus conhecimentos e aptidões, da sua capacidade de discernir e agir. Deve permitir-lhe tomar consciência de si próprio e do ambiente que o rodeia e desempenhar sua função social no mundo do trabalho e da vida pública. (CACHIONI E PALMA, 2006, p.1456)

Embora, para alguns de nós, pareça óbvio que a educação é um processo que se dá ao longo de toda a vida, não faz muito tempo que a humanidade reconhece tal prerrogativa. A velhice só se tornou visível através do envelhecimento populacional e do aumento da longevidade, passando então a ser reconhecida como um direito e uma questão social.

E assim, os processos de envelhecimento e longevidade são fenômenos mundiais e trazem preocupações para a humanidade, entre elas, as questões da aposentadoria, o aumento do número de viúvas com renda e escolaridade inferior aos homens, as políticas públicas que precisam dar conta das questões de saúde, de moradia, de educação, do lazer, etc. Entretanto em outras culturas, como a indígena, por exemplo, alguns grupos estabelecem uma relação com a velhice que é perpassada pelo respeito, pela autoridade, pelo reconhecimento que o tempo vivido representa um legado para as novas gerações, ou seja, valorizando as histórias de vida das pessoas idosas.

Conforme Py (apud SÁ, 2006) os índices do IBGE (1991-2000) denunciaram uma realidade excludente e preocupante, "apesar do aumento de 16,1 % na alfabetização de idosos de 1991-2000, existem cerca de 5,1 milhões de analfabetos veteranos no país. Esses, somados aos que tem no máximo três anos de estudo e que são considerados analfabetos funcionais, correspondem a 59,4%, a grande maioria com 75 anos ou mais. Apenas 4,2% dos idosos, apresentam escolaridade mais alta (5-7 anos) e 10,5% concluíram o ensino médio".

Um artigo público na internet afirma que, segundo o levantamento "Evolução do analfabetismo e do analfabetismo funcional no Brasil", apresentado pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) tendo como base os dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009) o número de brasileiros analfabetos com 65 anos ou mais

aumentou em 12% do ano de 2004 a 2009. Conforme o documento, o aumento de 490 mil analfabetos com 65 anos ou mais é decorrente da não inclusão dessas pessoas nos programas de alfabetização de adultos e, também, da baixa efetividade dos programas. A migração de analfabetos da faixa etária anterior também foi considerada.

Segundo esse documento, nosso país possui a quinta maior população do mundo e ocupa a oitava posição em número absoluto de analfabetos, ou seja, 14 milhões de pessoas. Segundo esse estudo o Brasil registrou queda de 1,5 milhões de analfabetos funcionais de 2004 a 2009. As regiões Norte e Nordeste apresentaram as reduções mais significativas, embora os Estados do Norte apresentem a maior taxa, 12,6%. A região Sudeste tem o menor índice de analfabetos funcionais, 9,6%.

A região Nordeste concentra 52% dos analfabetos com 15 anos ou mais. Entretanto, Amapá e Roraima se destacam pelo trabalho realizado de alfabetização entre 2004 e 2009, pois reduziram os índices de forma significativa e hoje figuram entre as mais baixas do Brasil. O analfabetismo funcional pode ser entendido como nível de escolaridade inferior a quatro anos e as habilidades de leitura, escrita, interpretação de textos e o raciocínio matemático devem ser levados em conta.

Sendo assim, é perceptível que tais índices demonstram a falta de oportunidades que essas pessoas tiveram em suas vidas e apontam para um problema social em nossa sociedade. Os idosos que hoje apresentam um nível pequeno de escolaridade e o alarmante número de idosos analfabetos representa a camada dos excluídos e, como diria o educador Paulo Freire, os oprimidos. As pessoas que tiveram seus direitos negados.

Para discutir e refletir sobre a Educação Permanente sob o viés da Educação Gerontológica é imprescindível conhecer a perspectiva do professor Agostinho Both (2001) quando ressalta que a

Educação permanente significa a oportunidade de aprendizagens contínuas com a finalidade de construir um ser humano interessante, atualizando seus potenciais internos de querer, pensar e amar, e seus vínculos para atender a sua necessidade de interação, participação e reconhecimento público. (BOTH, 2001, p. 219)

Para Both (2001) é necessário tencionar os conceitos e as definições comumente empregadas na educação de adultos, pois não são adequados para representar as especificidades da educação para as pessoas idosas. A educação gerontológica, conforme os estudos e as pesquisas do professor Agostinho Both, está alicerçada nos aportes teóricos de Vygotsky, nas mediações sociais e na ação comunicativa; entre outras referências. Não

obstante, aprender pode ser entendido como a renovação do repertório cultural mediado pela interação social com o intuito de desenvolver-se por toda a vida. Nessa perspectiva, a educação é essencial na constituição dos sujeitos e seu desenvolvimento biopsicossocial tanto em suas relações sociais quanto consigo mesmo, bem como em sua compreensão de mundo e com o meio ambiente e a natureza na qual está inserido.

A Educação Gerontológica precisa dar conta de algumas questões específicas, tais como as relativas aos idosos que pouco estudaram ou não estabeleceram relações próximas com o aprendizado escolar. É preciso muito cuidado para não expô-los a situações incompreensíveis e sem significado. É imprescindível que os educadores sejam sensíveis a tais questões.

Todavia, segundo Both (2001), os idosos que buscam a educação permanente podem ser agrupados em dois segmentos. No primeiro grupo encontram-se os idosos que estão imersos em constante processo de aprendizagem e que se mantêm estudiosos e atualizados. Participam ativamente de atividades, cursos, seminários, envolvem-se com questões culturais parecem não ter receio em aprender outra língua ou um instrumento musical. Demonstram disponibilidade para realizar diferentes atividades. Segundo o autor, esses tanto podem aprender na ordem do concreto quanto na ordem do abstrato.

Entretanto, no segundo grupo encontram-se os idosos que, marcados pelas deficiências mentais ou pela inexistência do sentido de aprender em suas vidas diárias, necessitam de que o processo de aprendizagem seja mediado por alguém que tenha um conhecimento mais formal do que eles, alguém que saiba mais do que eles. Esses idosos, por diferentes razões, foram privados da escola e da convivência com a cultura mais elaborada. Em sua maioria, viveu uma infância pobre de trabalho duro na lavoura ou em casa ajudando na criação dos irmãos, de família numerosas e pais analfabetos. Para o professor Both, a mediação, nesse sentido, deve ser entendida como um método e seu princípio no desenvolvimento cognitivo remetem à Vygotsky (1999).

Para Vygotsky (1999), a linguagem precede o pensamento e o mesmo se desenvolve e se aprimora a partir da interação social. Sendo assim, a linguagem exerce um fator decisivo na interação social. As relações sociais possibilitam a aprendizagem, primeiro com a ajuda de outro e depois sozinhos. Nesta perspectiva, a aprendizagem é conduzida por alguém mais experiente. Vygotsky não focou seus estudos na aprendizagem de velhos, no entanto pode-se refletir nessa possibilidade. Em um grupo de educandos adultos maduros e idosos sempre haverá um mais experiente para exercer o papel de mediador além, é claro, do professor.

Sacristán (2000) também alude à importância da mediação nos processos de ensino e aprendizagem o que fica evidenciado quando registra

Enfim, como o professor é decisivo e imediato mediador das aprendizagens dos alunos, e posto que a atitude que ele mantenha frente ao conhecimento condiciona enormemente a qualidade da aprendizagem e a atitude básica do aluno frente ao saber e à cultura, é importante a potencial responsabilidade que a formação do professorado tem nesse sentido. (SACRISTÁN, 2000, p.186)

Entretanto, no trabalho pedagógico com adultos maduros e idosos, não só a mediação do professor é revestida de autoridade e proeminência como também a mediação de outro estudante com experiências cognitivas mais alicerçadas. Considero relevante a afirmação que faz o professor Agostinho Both (2001) a partir de seus estudos e pesquisas quando afirma que

Todo o aprendiz é capaz de aprender mediante apoio, como se sua inteligência fosse uma extensão solidária dos outros, o que significa que sua aprendizagem é um processo capaz de superar níveis cada vez mais avançados. Não existem, portanto, instâncias intelectuais cuja performance não avance quando são mediados pelo auxílio de um intercessor. (BOTH, 2001, p.130)

Sendo assim, o que a pessoa não consegue alcançar sozinha é possível com a mediação de o outro alcançá-lo e aplicá-los em várias situações. E, além disso, quando os educandos descobrem o sentido dos estudos em suas vidas e o relacionam com a realidade em que vivem aprendem de forma mais prazerosa e experimentam o sentimento de ser capaz de aprender.

Ainda segundo esse autor, entre tantas preocupações dos estudantes adultos e idosos, uma delas refere-se ao esquecimento e conseqüentemente a memória. A memória como uma capacidade para aprender ocupa um papel de relevância na vida dos idosos. Como lembra o prof. Both (2001):

Sem minimizar os efeitos do sofrimento neuronal no envelhecimento, pode-se dizer que a perda da memória ou, ao menos, o agravamento de seus prejuízos associam-se a não existência de aprendizagem. Para a superação destas dificuldades duas situações concorrem favoravelmente. A primeira se referia a aprendizagens provenientes de atividades significativas nas quais o idoso se envolve nas respostas e nas seqüências de ações a serem desenvolvidas na consecução dos objetivos. A segunda se refere à aquisição de novos objetos cognitivos. (BOTH, 2001, p.134)

Sendo assim, para o referido autor, a mediação de exercícios de repetição pode contribuir para o aperfeiçoamento e até para a reabilitação da memória. Recomenda-se retomar constantemente o que está sendo estudado e, sempre que possível, relacionar com o

cotidiano dos educandos. A associação dos conteúdos à representação visual ou gestual bem como a memória ao final da aula são possibilidades para a sedimentação da aprendizagem. Outra estratégia interessante é retomar, no início da aula, os pontos principais da aula anterior como um fio condutor que relaciona os conteúdos vistos com os que estão e serão trabalhados.

Conforme Both (2001), na constituição dos programas educativos para idosos três áreas precisam ser contempladas para a aprendizagem e competência para a vida diária dos mesmos. São elas: *atividades e conhecimentos teóricos sobre expressão corporal* o que compreende movimentos posturais, relaxamento, reabilitação, cuidados e atenção proativos para a manutenção da saúde física; *ações que possam dar conta dos aspectos cognitivo-emocionais* e também, *a inserção social* com o intuito de promover o desenvolvimento comunitário e do sentido na vida.

De forma sucinta, mas sem a intenção de reduzir a importância teórica dos pressupostos que embasam o pensamento do referido professor (Both, 2001, p.136) são consideradas aprendizagens significativas aquelas que possam:

- Definir papéis sociais pela capacidade de *pensar, sentir e agir* construídos ao longo da vida e que podem ampliar as potencialidades reais favorecendo o próprio desenvolvimento;
- Ampliar as opções ocupacionais antes das rupturas das atividades profissionais da vida adulta;
- Desvendar a identidade das instituições e de sua comunidade para o desenvolvimento da historicidade às gerações mais novas;
- Promover o desenvolvimento das diferentes áreas de conhecimento e de ação social;
- Revelar o grau de sensibilidade dos mais velhos em experiências de inserção na constituição da cultura e da sociedade;
- Acrescentar às gerações mais novas os valores que favorecem a criticidade das questões sociais;
- Promover ações que estimulem a fé;

- Promover a coexistência familiar e favorecer as relações sociais familiares saudáveis.

Sendo assim, as atividades pedagógicas e ou culturais oferecidas aos adultos maduros e idosos que tenham em seu bojo a preocupação com a construção do conhecimento a partir da vivência de aprendizagens contextualizadas e pertinentes aos seus interesses e necessidades podem ser conceituadas como promotoras de um bem estar na velhice.

Amparada em Both (2001) pode-se afirmar que

As aprendizagens, com seus programas, podem interagir de tal forma que a visibilidade dos mais velhos se torne mais interessante e possam ser rompidos os aprisionamentos históricos marcados por interditos e silêncios constrangedores. (BOTH, 2001, p.35)

Até aqui, algumas perspectivas foram abordadas acerca da educação permanente, e todas tecidas com o fio que perpassa a educação de adultos maduros e idosos, ou seja, com o fio que costura a aprendizagem significativa capaz de garantir a autonomia, a cidadania e um envelhecimento ativo e mais feliz, um fio que é próprio do envelhecimento humano, como substrato para a construção das aprendizagens. Nesse sentido, aprender para toda a vida é um princípio norteador de uma vida mais saudável. Corroboro com Both (2001) perante sua reflexão de que

Aprender não significa somente traduzir o que é aprendido com suas próprias palavras, mas envolver-se com o que é aprendido, dizendo o que aquele conhecimento tem a ver com sua vida e a vida dos outros ou do seu entorno. (BOTH, 2001, p. 35)

A convivência com o Grupo Revivendo a Vida, do Centro Universitário Ritter dos Reis, desde o ano de 2004, me possibilita pensar que o processo de envelhecimento pode ser a oportunidade de resgatar as histórias escolares, ressignificar as memórias e aprender com o outro a ser melhor e viver mais feliz. Os estudantes idosos do Grupo Revivendo a Vida descobrem-se capazes de continuar pensando e criando, experimentam a alegria de serem protagonistas de suas próprias histórias, mediados pelo outro que os reconhece como autores de seus próprios discursos. E, acima de tudo a relação horizontal construída entre os educandos e educadores privilegia o direito de falar, de ser escutado e de ouvir, o diálogo

como fundamento epistemológico para as relações sociais de aprendizagem. Confirmando as ideias de Paulo Freire (1970) de que

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 1970, p.44)

E assim tem sido com as experiências pedagógicas do Grupo Revivendo a Vida! Contudo, talvez se possa anuir que para os idosos o maior aprendizado seja o que acarreta um significado pessoal às suas vidas. As propostas educativas podem suscitar talentos, desejos, sonhos e a construção de uma imagem positiva de si mesmo e da velhice. Além do enfrentamento de suas limitações e o encorajamento para a superação.

2.1 A ORIGEM DO GRUPO REVIVENDO A VIDA

A trajetória desse grupo de idosos iniciou em 2002 como um serviço de responsabilidade social do Centro Universitário Ritter dos Reis. Próximo à instituição há um condomínio residencial com aproximadamente 950 apartamentos e, conseqüentemente apresenta um número expressivo de moradores. Dentre eles, muitas pessoas idosas que demonstraram interesse e disponibilidade em participar dos eventos abertos à comunidade oferecidos por essa Instituição de Ensino Superior. Naquela época, eram ofertadas atividades recreativas, culturais e de lazer, quase sempre no salão de festas do condomínio. As pessoas envolvidas nesse projeto eram acadêmicas dos cursos de Pedagogia e de Letras, coordenados e orientados por uma professora engajada nas ações extensionistas dessa IES.

No ano de 2003, o pedido de uma das senhoras para ser alfabetizada (na época com 74 anos) provocou uma mudança significativa nos serviços oferecidos. O pedido dessa senhora foi atendido e iniciaram as aulas de alfabetização nas dependências da instituição com a supervisão do curso de Pedagogia. Naquele tempo e, ainda hoje, as professoras do curso de Pedagogia passaram a dedicar um olhar especial para essas pessoas, sugerindo e orientando as monitoras (acadêmicas do curso de Pedagogia) no desenvolvimento de suas ações pedagógicas. Essas monitoras ensinaram, mas principalmente aprenderam com o grupo de pessoas idosas. Deixaram marcas positivas e até hoje são lembradas com carinho e gratidão pelos participantes do grupo, que passou a se chamar Grupo de Alfabetização e Pós-Alfabetização.

Em seguida, o Núcleo que dava sustento a essa ação foi reformulado e passou a desenvolver o trabalho comunitário com uma abordagem mais educativa, deixando de lado o assistencialismo.

Contudo, é necessário ressaltar a importância e a dedicação do trabalho desenvolvido que abriu as portas da instituição para a comunidade, o confronto pedagógico entre os saberes populares e os saberes acadêmicos na construção de novos conhecimentos. A visibilidade de uma parcela da população tão excluída socialmente passou a fazer parte da vida da instituição.

O ano de 2003 transcorreu para o grupo de alfabetização e pós-alfabetização com algumas mudanças fundamentadas em uma abordagem educativa, priorizando as atividades pedagógicas no ambiente da instituição. As aulas ocorriam em dois dias da semana, no turno vespertino, ministradas por uma monitora do curso de Pedagogia, sob o olhar rigoroso das professoras do referido curso. Na busca feita em alguns registros do núcleo, não foi possível precisar o número exato de pessoas que participavam do grupo. Entretanto, em conversas com

algumas senhoras idosas, ficou evidenciado que a média de participantes era de nove moradoras do entorno e que a prioridade não era a assiduidade. No entanto, era perceptível que algumas mudanças ocorriam na vida das pessoas e da instituição. O desejo de aprender tornava-se mais possível e preenchia o lugar de algumas atividades assistencialistas, tais como entrega de ranchos, campanha para doação de roupa, etc. Mas, nem todas as participantes tinham o mesmo sonho. Algumas pessoas afastaram-se do grupo enquanto outras chegavam e, entre elas, alguns senhores, anos mais tarde.

Nos anos de 2004 e 2005, a trajetória desse grupo mistura-se à minha própria trajetória docente, pois enquanto cursava o sétimo semestre do curso de Pedagogia, fiz minha inscrição para desenvolver a monitoria nesse grupo, movida pelo desejo de aprender sobre a Educação de Jovens e Adultos. Apesar de ter muitos anos de docência com crianças, nunca havia trabalhado com adultos e esta seria uma oportunidade para a minha formação profissional e pessoal. Iniciei minhas atividades com o grupo com apenas oito alunas. Nas semanas seguintes, o número de participantes já aumentara, pois as próprias alunas divulgavam o trabalho que estava sendo desenvolvido. O fato de ser professora há muitos anos trouxe ao grupo a impressão de que a aprendizagem seria possível para todos. Em suas falas, diziam *“agora a professora é de verdade a gente vai aprender mesmo”*.

Minha vida profissional havia acontecido, até então, na rede pública estadual de ensino. E creio que a diversidade da escola pública possibilitou enfrentar o desafio em condições de compreender e de respeitar a trajetória de vida dessas mulheres. Naquela época só mulheres participavam do grupo, o que sinalizava aquilo que as pesquisas e os estudos vinham comprovando: as mulheres vivem a velhice de maneira mais social e coletivamente.

Segundo Neri

As mulheres são mais envolvidas social e afetivamente e isso por um lado atua a seu favor, como fator protetor. Por outro elas podem ser relativamente prejudicadas pelas imposições sociais de prestar cuidados aos cônjuges e aos ascendentes. (NERI, 2001, p 16)

Seguramente foi necessário ler e estudar muito em busca de respostas, muitas das quais, ainda não encontrei. Reconheço que os aportes teóricos que preencheram essa busca e que iluminaram o meu fazer pedagógico me acompanham até hoje, a cada nova etapa desse projeto. A certeza de que a educação é um direito para todos e que aprender é possível para todos os seres humanos tem permeado meus estudos. Acredito na educação como um

processo que humaniza, transforma e liberta. Assim, o ano de 2005 findou com dezoito alunas que frequentavam as aulas em quatro dias da semana.

Em 2006, as atividades pedagógicas reiniciaram no mês de abril com mais de vinte alunas, nos mesmos dias da semana. Entretanto, algumas mudanças foram necessárias e a pedido do grupo o horário das aulas foi alterado e ajustado às necessidades do mesmo. E por questões institucionais foi preciso mudar de sala de aula o que permitiu maior visibilidade ao grupo junto à comunidade acadêmica. Assim a velhice tornou-se mais presente e a fazer parte da vida acadêmica dessa IES.

Outras atividades foram incorporadas a rotina desse grupo, como a participação em eventos acadêmicos, em atividades culturais e em diversos espaços da nossa cidade. Sendo assim, foi possibilitado ao grupo à certeza de pertencimento à vida cultural da cidade e da escola. Espaços que antes não tinham significado para a vida desses idosos, como a Feira do Livro, a Feira das Nações na Usina do Gasômetro, o Memorial do Rio Grande do Sul, a Semana da Solidariedade na Restinga (promovida pelo SENAC), a participação ativa no I Mês do Idoso em Porto Alegre, as visitas a diversos grupos de convivência, a participação em palestras e no COMUI (Conselho Municipal do Idoso) e até em bailes; revestiram-se de outros significados tornando a história desse grupo fecunda e alicerçada na educação como processo de humanização e promoção da construção da cidadania. O apoio institucional, irrestrito, para a realização desse projeto foi fator preponderante para o desenvolvimento das ações pedagógicas.

Com a ampliação e a visibilidade das atividades do grupo, surgiu a necessidade de nomeá-lo. Não bastava mais ser um grupo de alfabetização e pós-alfabetização, era preciso ter um nome próprio que representasse a identidade do grupo. Foram muitos encontros e muitas sugestões, conflitos, divergências e argumentações para que o grupo definisse “Revivendo a Vida” como a expressão mais fiel dessa época de suas vidas. O ano findou com trinta e cinco alunas – apenas duas senhoras não eram idosas. Eram mulheres que demonstravam restrições cognitivas e que não haviam se adaptado ao ensino formal, mas encontraram naquele espaço a possibilidade e a coragem para superar suas limitações.

Ainda em 2006, movida pelo interesse e pelo desejo de pesquisar as questões da velhice e do envelhecimento e as relações possíveis com a educação, encaminhei um projeto de atividades de extensão em relações comunitárias à Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da IES. O projeto nasceu no interior desse grupo de idosos e da prática educativa com o mesmo. A necessidade da pesquisa se fez presente em minha vida. Não era mais possível estar frente a esse grupo e participar da construção da autonomia dessas pessoas, recuperando suas

experiências escolares sem aprofundar os estudos sobre o processo de envelhecimento humano e a velhice. Acredito que a finalidade de qualquer ação educativa deva ser a produção de novos conhecimentos que aumentem a consciência e a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos com os quais trabalhamos. Também, nesse sentido, concordo com Paulo Freire (apud BRANDÃO, 1999) em que “toda pesquisa temática se faz ação pedagógica e toda autêntica educação se faz investigação do pensar”.

Em 2007, só foi possível reiniciar as aulas em meados do mês de abril, porém desde o mês de março as alunas demonstravam grande preocupação e desejo de retornar as atividades. O ano letivo iniciou com algumas mudanças bem significativas que poderiam gerar dificuldades se não fossem bem implantadas e entendidas. A principal mudança referia-se a divisão do grupo em duas turmas para melhor atender a questão da alfabetização, mas, ao mesmo tempo, preservar a identidade do grupo que foi construída dentro dele próprio em um movimento dialético de preservação, de respeito e de convivência. Para tanto, foi necessária a colaboração de duas monitoras, acadêmicas do curso de Pedagogia a que vieram agregar ao grupo um novo fazer pedagógico e um novo jeito de organização. Novamente, o espaço de sala de aula foi alterado e duas salas foram destinadas ao grupo de idosos. Em um primeiro momento da tarde o grupo permanecia junto para os avisos e combinações. Logo em seguida, as pessoas em processo de alfabetização, acompanhadas pela monitora, ocupavam outra sala (ao lado) para a realização do trabalho específico de alfabetização. A turma da alfabetização era menor, tinha 13 senhoras e a turma da pós-alfabetização tinha 37 pessoas, dentre elas dois homens.

Enquanto coordenadora desse projeto, estive transitando entre as duas salas de aula, orientando o planejamento das monitoras, oferecendo subsídios teóricos e escutando suas falas que podiam ser de angústia, dúvida, alegria e descoberta. Mantive o vínculo com o grupo de idosos participando diariamente das aulas e buscando novos espaços para tornar cada vez mais visíveis as questões pertinentes ao envelhecimento humano, ou seja, divulgar os estudos e as pesquisas recentes, socializar informações científicas, proporcionar visitas a diferentes espaços culturais, oportunizar a construção de novos conhecimentos acerca desse novo jeito de viver a velhice.

Outra mudança gerada pela inquietude do grupo frente ao processo de aprender foi a reivindicação para a realização de atividades físicas e de expressão corporal sob a orientação de uma educadora física. Reconhecer que o próprio corpo ao envelhecer vai se transformando, gerando certo estranhamento e tornando alguns movimentos mais emperrados trouxe a conscientização de que o exercício físico orientado por profissionais era fundamental para um

bom envelhecimento. Dois encontros semanais de atividades físicas e de expressão corporal passaram a fazer parte da rotina do grupo o que trouxe mais alegria e disposição aos estudantes. Legítimo o pensamento de Haas quando reflete sobre a relevância da expressão corporal na constituição dos sujeitos e elucida que

As primeiras manifestações humanas foram as corporais, portanto o primeiro tipo de linguagem utilizado foi o gestual, sendo que a dança pode ser considerada a mais antiga das artes. Vários autores consideram-na uma das primeiras linguagens corporais existentes que foi ao encontro das necessidades de expressão e emoção do Homem. Essa manifestação corporal surgiu na era primitiva e, ao longo da história da humanidade, adquiriu novas e diferentes características, peculiares e formas. A dança, como expressão corporal, encontra-se, de maneira intensa na atualidade, em inúmeros estilos praticados por crianças, adolescentes, adultos e idosos que, de acordo com seus objetivos e/ou metas, caracterizam a atividade como lúdica, recreativa, profissional, terapêutica, etc. (HAAS, 2008, p.14)

No ano de 2008 fomos surpreendidos pela procura de novos participantes para o grupo, inclusive de mais estudantes homens tanto para a turma de alfabetização quanto para a turma de pós-alfabetização. Não só do entorno da IES, mas também de alguns bairros distantes. O que trouxe a necessidade de refletir sobre as oportunidades que são ofertadas aos homens em suas velhices, em nossa sociedade.

As atividades pedagógicas desenvolvidas em aula, através da Pedagogia de Projetos que mais adiante será explanada e outras ações foram incorporadas à vida do grupo, tais como: as aulas de expressão corporal e também o estudo de uma segunda língua, o Inglês. No princípio essa proposta causou estranhamento para alguns idosos que diziam “*eu nem sei direito o português como vou aprender o inglês?*”. Porém a intenção do ensino de uma segunda língua nasceu da hipótese de que aprendê-la traria benefícios para a saúde e o desempenho do cérebro. Uma professora de inglês, acadêmica do Mestrado em Letras, passou a fazer parte da equipe e da vida desses sujeitos. O novo idioma trouxe a possibilidade de superar medos e preconceitos. Mas só foi possível realizar tal ação com a turma que é alfabetizada. Nesse ano o grupo totalizava 60 pessoas, entre elas seis homens.

O ano letivo de 2009 começou com aproximadamente 70 pessoas, oito homens sendo que dois deles em processo de alfabetização. Há uma parcela significativa de pessoas que está há mais tempo no grupo, alguns estão afastados por problemas familiares ou de doença. Contudo, há entre os participantes um reconhecimento de que esse grupo é uma possibilidade para viver melhor o envelhecimento e entender melhor a velhice. Isso é percebido nas falas, desabafos, atitudes e gestos das pessoas idosas. Especialmente quando testemunham que “*estamos sempre aprendendo coisas novas e reciclando a vida*”.

Há algum tempo, o grupo desejava aprender informática, grande parte demonstrava entendimento sobre esta questão quando relatava “*mexer no computador é necessário para os dias de hoje*”. Sendo assim, o grupo passou a ter duas aulas semanais de Informática com um acadêmico da IES. O referido acadêmico revelou-se um educador atento e gentil e viu-se modificado frente ao próprio preconceito relacionado à velhice.

Ainda em 2009, nasceu no seio do grupo um coral. Orientado por um dos participantes que tem uma história musical bem calcada em antigas experiências profissionais e, além dele, mais dois senhores com intimidade musical e envolvidos com questões musicais. Assim o grupo tem cantado e encantado quem os ouve. Ressalto e concordo com o pensamento de Schneider quando conjectura que

O canto em grupo é, provavelmente, um dos maiores exercícios do convívio social. Cantar envolve fatores orgânicos, psicológicos e técnicos. O ato de cantar contribui para a estruturação do ser humano, colabora na construção cultural e desenvolve habilidades aprendidas. Para cantar, a saúde e o equilíbrio psicológico são fundamentais. O exercício do canto é a prática da expressão, da memória, e estes, entre outros, levam à espontaneidade. SCHNEIDER (apud BÓS, SÁVIO E CASSOL, 2008, p.154)

A trajetória desse grupo e a maturidade emocional em suas relações são favorecedoras de atitudes autônomas e de ações que envolvem os interesses do próprio grupo. No entanto, não estão isentos dos momentos de discussão e de desentendimentos, conflitos que, muitas vezes, rendem alguns dias de mal estar.

Atualmente, a turma de alfabetização conta com duas professoras, uma acadêmica do curso de Pedagogia e a outra uma professora aposentada que, voluntariamente, tem desenvolvido as questões pedagógicas de leitura e escrita, ensinando a ler e a escrever as *palavras grávidas de mundo*, como ensinou Paulo Freire, em uma relação dialógica de respeito aos saberes e as experiências de vida dessas pessoas. Ressalto o valor do trabalho voluntário corroborando com LOPES, quando refere que

O trabalho voluntário, tal como hoje entendido, nasce em oposição à ideia de trabalho remunerado ou assalariado. Porém, se voltarmos para antes do advento da concepção econômico-financeira da ação humana, veremos que a associação voluntária existe desde o início da civilização e do próprio Estado, como lócus das questões coletivas (VAN TIL, 1988; RIFKIN, 2000; COELHO, 2002). Nas origens, a ação voluntária confunde-se com todo e qualquer tipo de ação social, visto que está voltada primeiramente ao outro. É própria da construção da convivência humana; logo, da existência do humano como espécie, social por excelência. (LOPES, 2006, p.8)

Nesse sentido, o trabalho voluntário vai se incorporando ao fazer pedagógico para esse grupo de forma tão natural e generosa, agregando profissionais comprometidos com o bem estar dos estudantes e também com a educação permanente.

A partir do segundo semestre do ano de 2009, o grupo foi contemplado com mais uma ação voluntária que teve como intenção desenvolver o raciocínio lógico através das atividades pedagógicas. Os conceitos matemáticos aprendidos em um passado distante foram ressignificados na interação com os colegas e os professores. Os encontros aconteceram e ainda acontecem, uma vez por semana, no Laboratório de Aprendizagem sob a batuta de um experiente e estudioso professor de matemática aposentado da UFRGS. A possibilidade de aprender matemática de forma lúdica ocasionou a desconstrução de conceitos antigos e a surpresa de poder “brincar” e ao mesmo tempo aprender.

Finalmente, nessa caminhada de aprendentes o grupo usufruiu e usufrui da companhia afetuosa e cuidadosa de jovens monitoras, estudantes do curso de Pedagogia. As relações construídas têm sido pautadas em respeito, aceitação, tolerância e, acima de tudo, em um profundo reconhecimento aos saberes de cada um. O convívio com diferentes tipos de pessoas e de diferentes gerações proporcionou trocas significativas, quer sejam de afetos ou de conhecimentos, e isso pode afrontar o preconceito etário tanto dos mais velhos quanto dos mais novos. As relações sociais para além das familiares favorecem a construção de novos sentimentos e possibilidades de superação. Apoio Lima quando refere que nos idosos

A sensação de serem estimados combate os sentimentos penetrantes de inutilidade e isolamento. As trocas geracionais não devem se restringir à família e aos programas de políticas públicas, mas também expandidas às instituições privadas e a outras representações da sociedade. (LIMA, 2007, p.172)

Ainda no ano de 2009, por questões institucionais houve uma reorganização dos programas e projetos desenvolvidos pela extensão da IES e o Grupo Revivendo a Vida passou a compor o Projeto de Atenção Pedagógica de Adultos e está inserido no Programa de Extensão Incluindo na Escola e na Sociedade sob a responsabilidade da professora Neusa Kern Hickel, que tem sido uma incentivadora e apoiadora do Grupo Revivendo a Vida.

Em 2010, as atividades pedagógicas que eram ofertadas foram mantidas e acrescentou-se a oficina de teatro que foi realizada por uma acadêmica do curso de Pedagogia com larga experiência em artes cênicas. Até o momento, 70 pessoas fazem parte do Grupo Revivendo a Vida e dessas, 11 pessoas compõem a turma de Alfabetização.

A história do Grupo Revivendo a Vida é permeada pelas histórias de vida dessas pessoas em processo de envelhecimento que buscam bem estar na velhice em uma sociedade que supervaloriza a imagem do novo, que exclui os pobres, os índios, os negros, os diferentes, as mulheres e os velhos.

Corroboro com o pensamento de Simone De Beauvoir quando denuncia que “Para compreender a realidade e a significação da velhice, é, portanto, indispensável examinar o lugar que é destinado aos velhos, que representações se faz deles em diferentes tempos, em diferentes lugares”. (BEAUVOIR, 1970 p.48).

Sendo assim, pode-se pensar em que medida a sociedade é responsável pela construção de uma nova velhice? Na contemporaneidade, escutamos que vivemos em uma sociedade que se nomeia como uma sociedade do conhecimento, ou ainda, sociedade aprendente. Como sociedade aprendente, sugere que estamos sempre aprendendo e que todos os tempos são tempos para aprender. E o Grupo Revivendo a Vida anuncia que é possível adaptar-se a uma nova fase da vida, reelaborando as perdas e os sofrimentos e abrindo-se a novas aquisições.

A minha caminhada docente é perpassada pela historicidade do Grupo Revivendo a Vida, uma caminhada aprendente e ensinante, na qual a convivência com esses idosos me faz ser melhor como pessoa e perseverar na luta por uma sociedade mais justa e fraterna para todos.

Nesse sentido, as atividades pedagógicas que são oferecidas no ambiente acadêmico procuram dar conta dos desejos e das necessidades dos estudantes e precisam levar em consideração os saberes construídos ao longo de toda a vida. Em nossa cidade, existem diversos e diferentes espaços educativos para as pessoas idosas, entre eles, os espaços das IES que abrem suas portas para a construção de um novo jeito de envelhecer, onde o aprender é por toda a vida. E a vida pode ser plena e feliz até o fim.

Contudo, podemos nos perguntar como são organizadas as ações pedagógicas nessa IES? De diferentes formas e sob diferentes aportes teóricos. No UniRitter, as ações pedagógicas são pensadas a partir do desejo e das necessidades do Grupo Revivendo a Vida e nessa abordagem o currículo é construído, essencialmente, a partir dessa matéria prima – necessidades e desejos – dos estudantes adultos maduros e idosos. Isso significa que o currículo não é fixo e nem pensado por outros que não os próprios estudantes. Sendo assim, o currículo é flexível e permeado por interesses e construído no diálogo das possibilidades institucionais e dos interesses e experiências dos estudantes adultos maduros e idosos. Está sempre em construção e precisa dar conta do que acontece na vida. Leva em conta os saberes

construídos ao longo da vida, nas relações familiares, nas relações sociais de aprendizagem desenvolvidas na escola de suas infâncias, nas relações de poder que se estabeleceram enquanto trabalhadores.

Além disso, o currículo compartilha os saberes populares com o saberes científicos e desafia a construção de novos conhecimentos. Conhecimentos que incorporados à vida cotidiana possam dar sentido a novos comportamentos. Um currículo que encoraja estudantes e professores a serem pesquisadores, investigadores de si mesmos e que busquem refletir sobre sua própria práxis. Conforme Sacristán,

O conteúdo é condição lógica do ensino, e o currículo é, antes de qualquer coisa, a seleção cultural estruturada sob chaves psicopedagógicas dessa cultura que se oferece como projeto para a instituição escolar. Esquecer isto supõe introduzir-se por um caminho no qual se perde de vista a função cultural da escola e do ensino. Um ponto fraco de certas teorizações sobre o currículo reside no esquecimento da ponte que deve estabelecer entre a prática escolar e o mundo do conhecimento (King, 1976, p.112) ou da cultural em geral. (SACRISTÁN, 2000, p.19)

Ao pensar em currículo, a ideia de conteúdo se faz presente. E como educadora acredito no quão importante são os conteúdos a serem destacados no processo de ensino e aprendizagem para a formação permanente dos educandos adultos e idosos. O sentimento que me assola alude ao compromisso ético com a educação que pode ser transformadora e libertadora dos grilhões da ignorância e da opressão, em qualquer idade da vida. E por isso concordo com Sacristán quando afirma que

Os conteúdos, por mais valiosos que sejam, apenas o são potencialmente para quem tem de aprendê-los. De pouco serve seu potencial se não é assimilado, quando, idiossincraticamente, cada um se apropria deles de forma significativa, quando têm um sentido para quem aprende. Este princípio justifica a necessidade de ter em conta a pessoa como referência central na educação, porque apenas se é efetiva a assimilação da cultura serve à satisfação do direito a se educar. A escolaridade constituiu-se no equivalente à educação, por isso a efetividade do ensino traduzido em aprendizagem valiosa é a condição para satisfazer esse direito. Não basta expor o conteúdo ou colocá-lo em contato com o aluno, pois seus direitos obrigam-nos a exercer com ele uma pedagogia adequada. (SACRISTÁN, 2000, p.167)

Nesse sentido, os conteúdos a serem desenvolvidos, aprendidos e construídos emergem da Pedagogia de Projetos. Penso ser relevante algumas considerações sobre a Pedagogia de Projetos que é antes de tudo uma postura pedagógica que traduz uma concepção globalizante no processo ensino aprendizagem. Oportuniza aos estudantes analisar os problemas e as situações conflitantes dentro de um contexto de sua globalidade usando como

recurso os conhecimentos das diversas áreas de conhecimento bem como as experiências socioculturais.

Concordo com Barbosa e Horn em que

[...] a postura pedagógica implicada nessa abordagem provoca muitas vezes certa insegurança aos educadores, já que eles não podem ter, desde o primeiro momento, o mapeamento do projeto como um todo, pois este será elaborado paulatinamente pela ação, pela avaliação e pelo replanejamento. Essa construção envolve a participação tanto dos alunos quanto do educador, na medida em que as decisões e os encaminhamentos emergem das motivações do grupo, dos materiais e recursos disponíveis, das portas que se abrem – possibilitando novos embates, novos problemas, novas soluções – e, principalmente, do estudo aprofundado que os professores realizam acerca da temática a ser estudada. (BARBOSA e HORN, 2008, p.54)

Conforme Hernández (1998), os projetos de trabalho se apresentam não como um método ou uma pedagogia, mas sim como uma concepção da educação e da Escola que leva em conta: a abertura para os conhecimentos que estão além do currículo básico; a importância de estabelecer as relações com as informações e construir critérios avaliativos; o papel do professor como mediador; a atitude de escuta e o diálogo como reconstrução histórica; o aprender dos outros e com os outros; a concepção de um currículo integrado; o favorecimento da autodireção do aluno; a avaliação como possibilitadora da reconstrução do processo de construção do conhecimento.

A partir dessa perspectiva, os projetos assinalam outra forma de representar o conhecimento escolar fundado na aprendizagem da interpretação da realidade, estabelecendo relações entre a vida dos educandos e educadores e as disciplinas envolvidas e, também, os outros saberes que vão sendo construídos. Para Hernández,

Tudo isso para favorecer o desenvolvimento de estratégias de indagação, interpretação e apresentação do processo seguido ao estudar um tema ou um problema, que, por sua complexidade, favorece o melhor conhecimento dos alunos e dos docentes de si mesmos e do mundo em que vivem. (HERNÁNDEZ, 1998, p.91)

Contudo, penso que ainda tenho muito a estudar e a compreender sobre a educação de adultos. Os desafios da docência que me inquietam e, ao mesmo tempo, preenchem de alegria minha alma de educadora encontra eco nas palavras do educador Paulo Freire:

Nenhum educador faz sua caminhada indiferente ou apesar das ideias pedagógicas de seu tempo ou de seu espaço. Pelo contrário, faz sua caminhada desafiada por essas ideias que combate ou que defende. Nega-se, afirma-se, cresce, imobiliza-se, envelhece assim ou é sempre novo. Essas ideias, por outro lado, não são as fazedoras do mundo histórico e cultural, material, do educador. Elas expressam as lutas sociais, os avanços e os recuos que se dão na história, mas também, se fazem força atuante de mudança do mundo. Há uma relação dialética entre o mundo material que gera as ideias que podem interferir no mundo que as gera. (FREIRE, 1991, p.72)

Assim tem sido minha inserção na educação de adultos maduros e idosos, um exercício diário entre a teoria e a prática, entre saberes e sabores, o desafio de compreender e construir novos olhares e a certeza do quão inacabado nós somos.

2.2 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DO GRUPO REVIVENDO A VIDA

A origem desse grupo nasceu da responsabilidade social de uma IES e, também, do interesse e desejo do próprio grupo e tem como fundamento a disseminação do conhecimento para além dos muros da instituição. É a oportunidade de devolver à comunidade, principalmente aos moradores do entorno, um pouco do que a cidade proporciona à instituição.

Atualmente, o Grupo Revivendo a Vida é constituído por 70 pessoas. A maioria delas é considerada idosa, pois possuem mais de 60 anos de idade. O estudante mais velho tem 87 anos e o mais novo tem 45 anos.

Serão representadas, através dos gráficos, as peculiaridades do grupo, tais como as questões de sexo, nascimento, profissão, moradia aposentadoria, pensão, grau de instrução e renda familiar.

No gráfico 1 é possível observar que há no grupo a predominância do sexo feminino. Esse dado está de acordo com algumas pesquisas que afirmam que velhice é feminina e, também, que as mulheres vivem o envelhecimento de forma mais comunitária em convivência com outras pessoas.

De acordo com Neri,

A feminização do envelhecimento é uma manifestação do processo de transição de gênero que acompanha o envelhecimento populacional em curso em todo o mundo.

O aspecto central da transição de gênero diz respeito às mudanças nos padrões de sobrevivência de homens e mulheres. (NERI, p. 50, 2001)

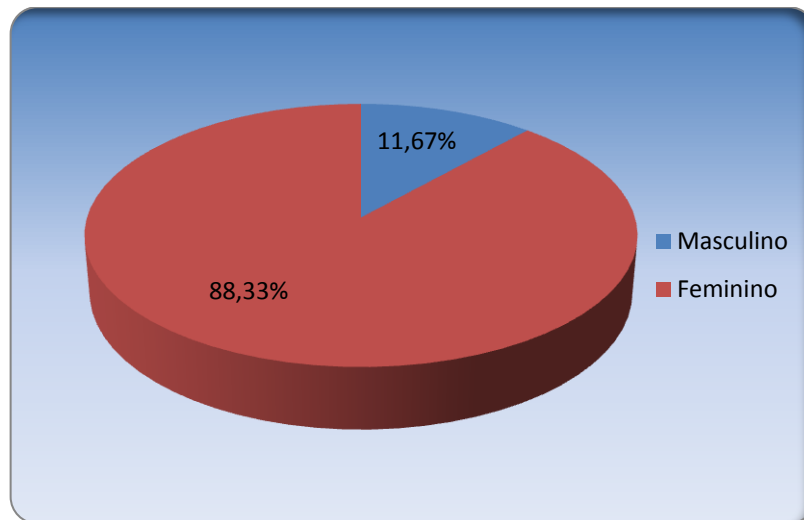


Gráfico 1:Sexo

Fonte: Pesquisa sociodemográfica com o Grupo Revivendo a Vida

O gráfico 2 representa as décadas de nascimento dos participantes do grupo. A década de 30 com maior representatividade e logo a seguir a década de 40. Na época de seus nascimentos o mundo estava envolto pela Segunda Guerra Mundial com suas tragédias e misérias que imprimiram no mundo marcas indelévels. No Brasil, vivíamos a época do fim da República Velha e o surgimento de uma era de populismo e do paternalismo de Getúlio Vargas. Os participantes do grupo cresceram envolvidos no clima do populismo de Getúlio Vargas e as ações paternalistas representaram e, para muitos, ainda representam um cuidado amoroso ao invés de uma alienação proposital.

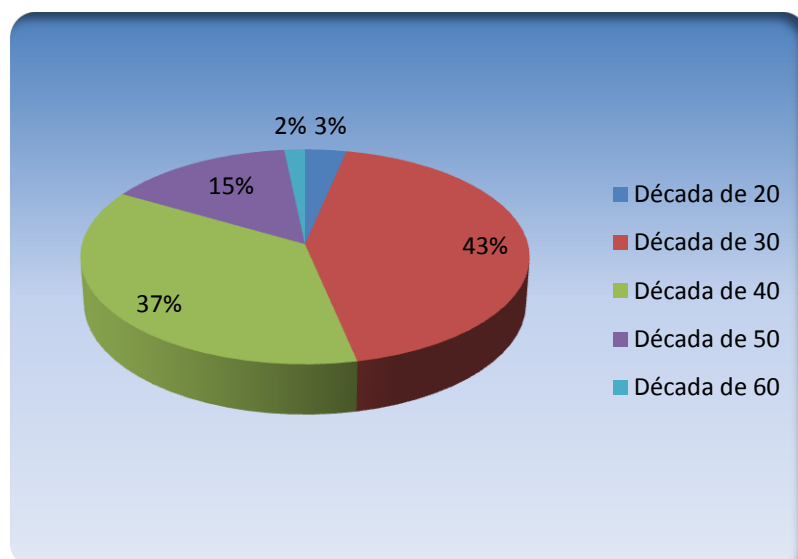


Gráfico 2: Década de Nascimento
 Fonte: Pesquisa sociodemográfica com o Grupo Revivendo a Vida

No gráfico 3 é possível visualizar as diversas profissões dos participantes do grupo. No entanto, o índice mais alto mostra o trabalho que as mulheres executavam e, ainda hoje executam, e que não é considerado como profissão, ou seja, o trabalho do lar. Como profissão comprova-se, através do gráfico, o ofício de costureira e de atividades no comércio com o mesmo percentual. É também evidente que as profissões exercidas não são as de reconhecimento social ou de status.

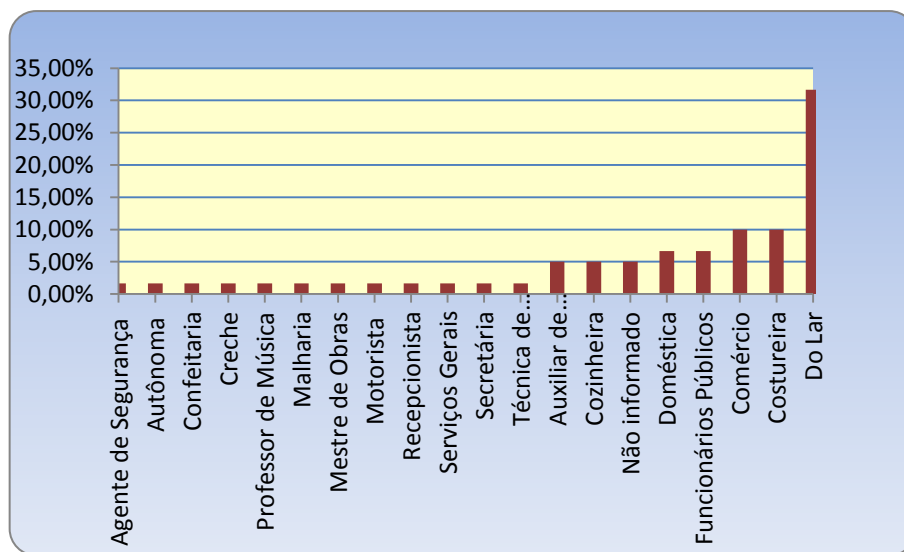


Gráfico 3: Profissões
 Fonte: Pesquisa sociodemográfica com o Grupo Revivendo a Vida

A seguir, fica evidenciado que 67% dos integrantes do grupo moram em companhia de seus familiares, quer seja filhos/filhas, netos/netas, genros/noras, ou companheiros e companheiras. A parcela de idosos que moram sozinhos é bem significativa, porém estão perto dos familiares e mantêm contato diário com algum parente próximo ou amigo. Alguns moram com seus filhos ou netos e contribuem ativamente com as despesas familiares e demonstram orgulho e preocupação com o futuro.

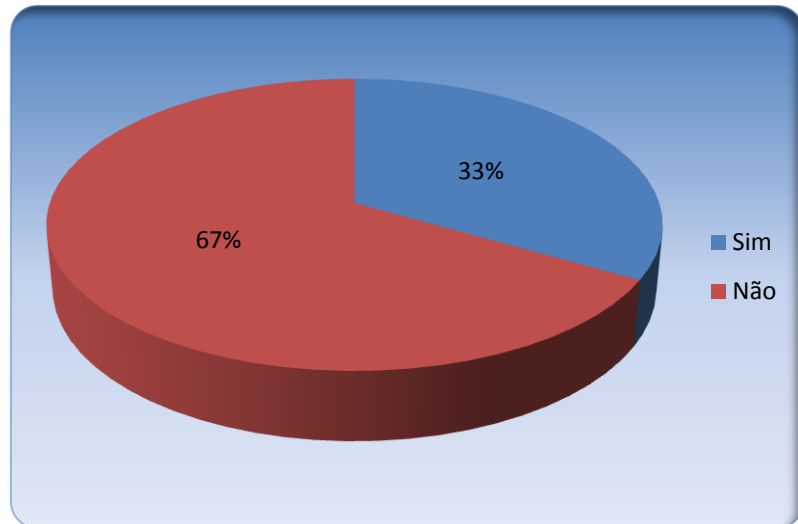


Gráfico 4: Moradia: Mora Sozinho?
 Fonte: Pesquisa sociodemográfica com o Grupo Revivendo a Vida

As condições sociais e econômicas dos participantes do grupo são as mais diversas possíveis. Alguns são pensionistas, outras pessoas são aposentadas e há um número muito pequeno que ainda executa alguns trabalhos para contribuir com a renda familiar. A grande maioria dos idosos deste grupo desempenha atividades de cunho social, filantrópico ou religioso. Todos demonstram disponibilidade para auxiliar seus familiares quando são solicitados.

No próximo gráfico, podemos averiguar que 70% do grupo estão aposentados o que favorece a participação em várias atividades culturais, sociais e esportivas em nossa cidade, pois possuem disponibilidade de tempo para tais ações.

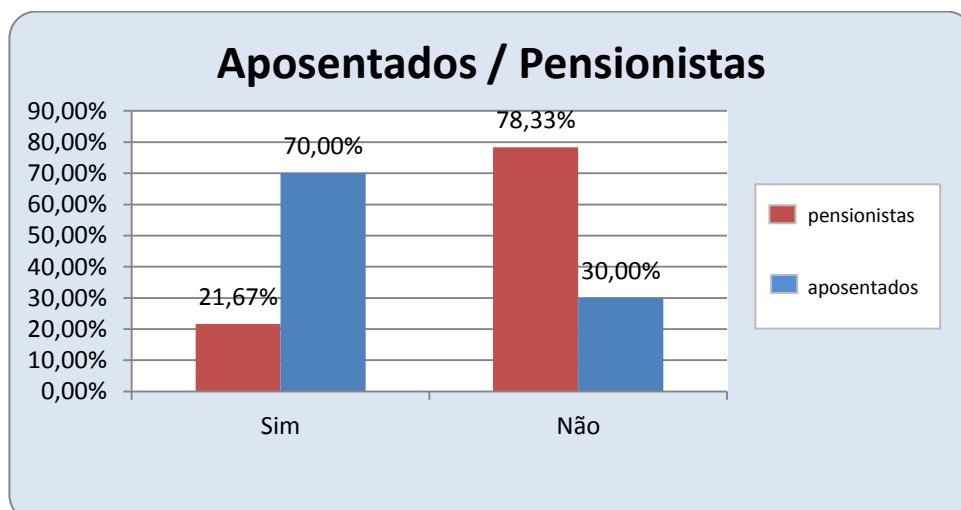


Gráfico 5: Aposentados/Pensionistas
 Fonte: Pesquisa sociodemográfica com o Grupo Revivendo a Vida

Como mostra o gráfico 5, há uma parcela de 21,67% de pensionistas no grupo. São mulheres viúvas que percebem a pensão e sobrevivem dessa renda, inclusive colaboram no orçamento familiar. Muitas dessas mulheres realizam trabalhos artesanais para aumentar a renda familiar.

O nível de escolaridade de seus participantes é bem diversificado. Há pessoas que nunca frequentaram a escola. A riqueza dessa diversidade torna o trabalho desafiador e extremamente profícuo. Geralmente, estas pessoas deixaram a escola há muito tempo, sendo que alguns não estudam há 50 ou 60 anos. A escola que conheceram era muito diferente da experiência que vivem agora.

Interessante constatar que no gráfico 6, 33,33% frequentou à escola até quatro anos. O índice de 3,33% de pessoas que nunca frequentou a escola é representado pelas pessoas que foram alfabetizadas nesse projeto, na turma de alfabetização em anos anteriores.

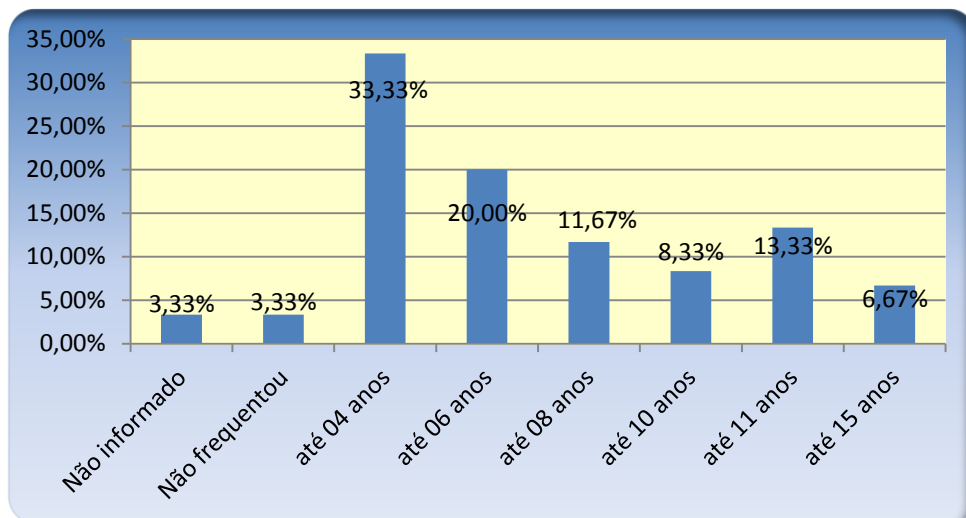


Gráfico 6: Escolaridade
 Fonte: Pesquisa sociodemográfica com o Grupo Revivendo a Vida

Ao observar o último gráfico que faz referência a renda familiar compreende-se que diferentes conjunturas familiares podem compor a renda, tais como, salário fixo, trabalhos autônomos, aposentadorias, pensões, prestação de serviços, etc. Fica evidente que as condições financeiras estão longe de serem as ideais para uma vida digna e sem maiores preocupações com a sobrevivência.

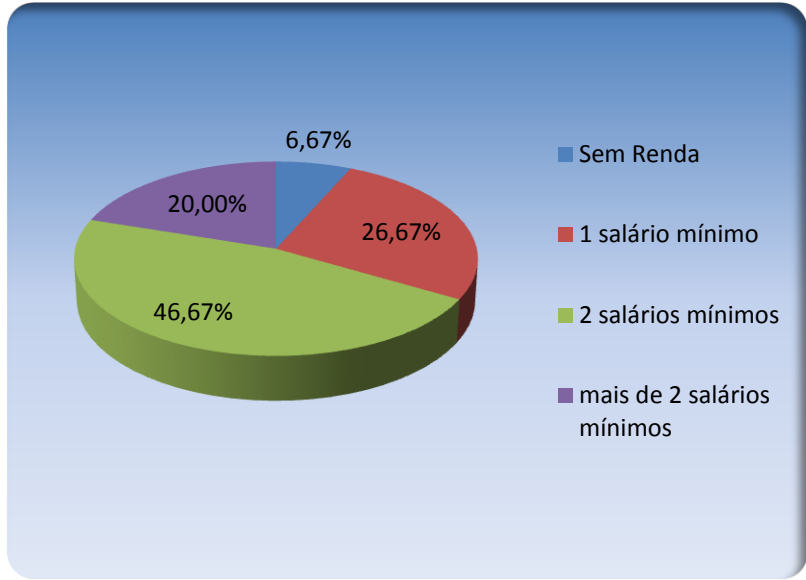


Gráfico 7: Renda Familiar

Fonte: Pesquisa sociodemográfica com o Grupo Revivendo a Vida

3 O CAMINHO DA PESQUISA: QUESTIONAR PARA PENSAR SOBRE O SENTIDO DA EDUCAÇÃO E DA CONVIVÊNCIA NO GRUPO REVIVENDO A VIDA

Foram distribuídos 45 questionários no Grupo Revivendo a Vida/ Pós Alfabetização. A designação de Pós Alfabetização representa os sujeitos que são alfabetizados e apresentam diferentes níveis de escolaridade. A diversidade cultural e de letramento é uma especificidade desse grupo. Entre os 45 questionários (em anexo) distribuídos obtive retorno de 25 questionários, sendo que os respondentes foram 4 homens e 21 mulheres. As idades dos sujeitos podem ser observadas no gráfico abaixo.

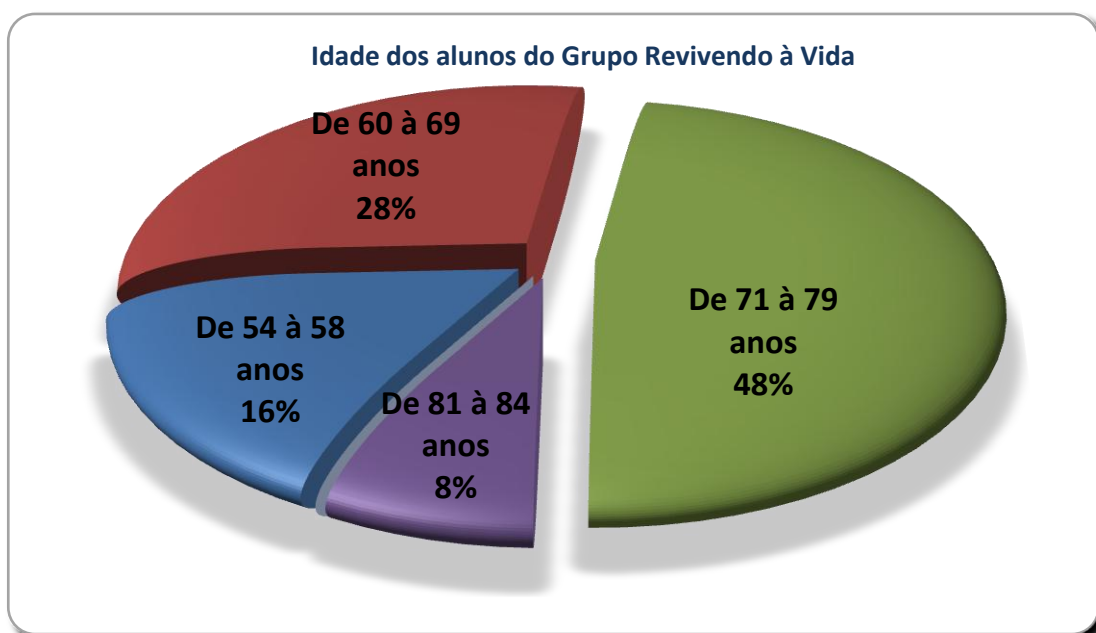


Gráfico 8: Faixa etária

Fonte: Pesquisa sociodemográfica com o Grupo Revivendo a Vida

O material analisado representou uma riqueza de sentimentos, lembranças e concepções acerca da própria vida familiar e de suas oportunidades escolares nesta sociedade capitalista tão hegemônica e excludente. Busco em Simone De Beauvoir respaldo para compreender as questões pertinentes ao envelhecimento na contemporaneidade quando afirma

Nas democracias capitalistas, o envelhecimento da população suscita uma nova questão. É o “monte Everest dos problemas sociais atuais”- disse um ministro inglês da Saúde, Ian Mac Leod. Não somente as pessoas idosas são muito mais numerosas do que outrora, mas elas não se integram mais espontaneamente à sociedade; esta vê-se obrigada a decidir sobre o estatuto delas, e a decisão só pode ser tomada em nível governamental. A velhice tornou-se objeto de uma política. (BEAUVOIR, 1970, p.273)

Tendo em vista essa riqueza nas respostas e de seus significados para mim, enquanto pesquisadora e professora em constante formação optei por apresentar, em breve análise, as considerações que os estudantes realizaram acerca do próprio processo de aprendizagem escolar.

Através do questionário eu pretendia, em primeiro lugar ouvir a voz dos sujeitos do grupo acerca do próprio processo de aprendizagem escolar e, além disso, que os estudantes registrassem as impressões e os sentimentos de suas experiências escolares vivenciadas na infância e na atualidade. As perguntas foram pensadas a partir da minha necessidade em conhecer o registro escrito das experiências escolares desses sujeitos, ouvir a voz e oportunizar a escrita da própria vida pareceu ser essencial para dar visibilidade as experiências escolares de cada sujeito.

Corroboro com Cachioni quando afirma

Os idosos não são aprendizes passivos, mas devem contribuir ativamente para o seu próprio aprendizado e, por extensão, para toda a sociedade. Durante o processo educacional deve-se encorajar uma apropriação ativa e crítica, em vez do acúmulo estático de conhecimento por parte das pessoas idosas. Prova-se assim uma revisão na ideia de que a mudança é uma prerrogativa dos mais jovens. A necessidade de aprender é inerente ao processo de desenvolvimento, mas para cada estágio há um significado próprio, que se expressa de uma forma peculiar e através da busca de novos objetivos. (CACHIONI, 2003, p.35)

Enquanto pesquisadora, através da observação participante, eu percebia indícios da importância das experiências escolares que esses sujeitos atribuíam ao processo de aprendizagem. Que marcas eram essas que circulavam entre o grupo de estudantes adultos maduros e idosos? De que sentidos se revestiam a busca pela aprendizagem escolar? Como educadora há tantos anos, me permiti formular algumas hipóteses referentes à essas questões. Pois era recorrente no grupo o desejo de aprender e de permanecer ativos intelectualmente o que o questionário tornou mais evidente.

Quando solicitei que escrevessem sobre as lembranças do tempo de escola, a maioria dos estudantes afirmou que suas lembranças eram *muito boas, pois havia sido uma época de muito aprendizado, de respeito e disciplina, de um ensino rígido e "puxado", de castigos e de canetas tinteiras, época de aprender a ler e escrever, de hastear a bandeira e horas cívicas*. Alguns estudantes registraram que *o pouco tempo de estudo na escola* teve como causa o fato de precisarem trabalhar para o sustento da família e as palavras *sacrifício* e *pobreza* apareceram para traduzir esse tempo. Além disso, foi mencionado por várias vezes, que o estudo fez falta em alguns momentos em suas vidas como *na hora de arrumar um bom*

emprego, por exemplo. Uma das estudantes, a senhora Margarida (68 anos) referiu que “foi uma época maravilhosa na minha vida. Além de estudar nós jogávamos vôlei e caçador e fazíamos torneio com outras escolas.”

Entretanto, outros estudantes alegaram que as lembranças do tempo de escola não foram muito boas ou por motivos de doença ou pelas condições socioeconômicas, pois a maioria são filhos de agricultores que migraram do campo para a cidade de Porto Alegre. Mencionaram que era preciso *caminhar mais de uma hora descalços para chegar à escola, os tamancos eram levados em uma sacola para serem usados limpos na escola*. Era necessário o uso de canoa para atravessar o rio e o medo de cair da canoa acompanhou o pouco tempo de escola. As lembranças das *brincadeiras com os irmãos e colegas nas estradas* que conduziam às escolas, *nos recreios e na volta da escola com banhos furtivos nos açudes e riachos* foram frequentes e motivo de *alegria*, segundo os estudantes. *A oração no começo das aulas e a merenda* também são referidas como boas lembranças.

Com relação ao grupo analisado, apenas dois estudantes não estudaram em escola pública, tiveram sua inserção escolar em escola particular “*de irmãs*” através de bolsa de estudos. Os *estudos de Matemática e de História do Brasil* foram citados por alguns estudantes como algo *muito bom da escola e que pode preparar para a vida*. Os estudantes lembraram-se dessa época como um período em que os amigos, os colegas e as professoras foram importantes para suportar as dificuldades da infância. Somente um dos estudantes, o senhor Anturio (79 anos) não frequentou a escola. Ele foi ensinado em casa pelo pai que o ensinou a ler e escrever e resolver algumas contas de matemática. Seu pai dizia que seus filhos não precisavam saber muito, *só o suficiente* que era ensinado por ele.

Analisando o que foi dito até então, penso que por muitos anos em educação a premissa de que todos aprendiam do mesmo modo e ao mesmo tempo acompanhou as teorias educacionais e as diretrizes que nortearam os planejamentos e a sistematização do ensino. Através das pesquisas e dos estudos de diferentes correntes teóricas há diferentes e mais modernas concepções acerca dos processos de aprendizagem.

Com base em Libâneo (2005), correntes pedagógicas contemporâneas como a Teoria Histórico Cultural em que a aprendizagem resulta da interação entre sujeito-objeto, em que a ação do sujeito com o meio é socialmente mediada, atribuindo-se peso significativo à cultura e às relações sociais tendo como representante Vygotsky. Ou ainda, a Teoria da Ação Comunicativa Formulada por J. Habermas está associada à teoria crítica da educação que teve origem nos trabalhos da Escola de Frankfurt; e tem como pressuposto que no agir pedagógico a ação comunicativa é realizada pela interação, por meio do diálogo para o entendimento e

cooperação entre as pessoas. Tendo como representantes Paulo Freire, Giroux, Apple, entre outros .

Como aprenderam a ler e escrever os estudantes do Grupo Revivendo a Vida? Qual a percepção que construíram de seu próprio processo de aprendizagem?

Dos respondentes, duas senhoras receberam aulas particulares antes de entrar na escola, pois seus familiares temiam que não aprendessem como as outras crianças. Conheceram o alfabeto antes de ir para a escola. Muitos estudantes relataram que *não foi fácil aprender a ler e escrever, pois precisavam soletrar as letras, juntar as sílabas, ouvir e prestar atenção em tudo, copiar as letras no caderno de caligrafia*. Outros estudantes relataram que *aprender foi com muita dificuldade*, desde o trajeto para a escola até a sala de aula para compreender o que a professora queria que fosse feito. Contudo, alegaram que eram *curiosos e tinham vontade de saber mais, de conhecer as coisas* e assim forma aprendendo.

Entretanto, a maioria afirmou que *aprendeu pouco a ler e a escrever*. A senhora Maria Rosa (74 anos) aprendeu a ler na infância, olhando o jornal Correio do Povo, na seção dos poemas. Era instigada pelo pai para reconhecer as letras e juntá-las. Mas escrever para ela só foi possível muito tempo depois quando já era adulta com a ajuda da filha e do genro. Outra senhora, Margarida (68 anos) escreveu *“eu tinha 10 anos e não sabia ler nem escrever. Um dia tomei a iniciativa fui até o Grupo Escolar Getúlio Vargas e fiz minha matrícula então comecei a estudar. Aprendi a ler escrever”* Suponho que a família numerosa, as condições de pobreza e aprovável falta de significado que a escola representava para seus pais, provavelmente contribuíram para tal situação. Poucos estudantes referenciaram a ajuda dos familiares, pai, mãe ou irmão em seu processo de aprendizagem. Quase todos o vivenciaram sozinhos e sem a mediação de um adulto. Também não ficou clara a presença de uma professora, pois em nenhum questionário há menção de alguém que tenha sido especial.

Ao responderem sobre quais os saberes escolares que acompanharam suas trajetórias de vida apareceram de forma significativa *os valores morais como a honestidade, o respeito às pessoas e comprometimento com as regras sociais*. *Aprender a ler e escrever* foi referenciado como um saber que acompanhou a vida e, também, *o prazer de saber e de não ser ignorante*. Perceptível o sentimento que perpassa quase todos os registros escritos de que o pouco tempo na escola dificultou a vida em várias instâncias, como por exemplo, obter *um emprego melhor, fazer negócios, ajudar os filhos, lidar melhor com as informações*, etc.

Como saberes, propriamente escolares, foi citado *os conhecimentos gerais, as artes, o cálculo, a leitura e a escrita, o amor a Bandeira e ao Hino Nacional, o civismo, a religião*. O estudo de *Geografia e História* foi citado como importantes *para viver melhor a vida*. O

senhor Narciso (83anos) registrou seu sentimento sobre os saberes escolares em sua trajetória de vida da seguinte forma *“foi o aproveitamento da minha capacidade e boa vontade de vencer na vida. Fui relojoeiro e comerciante. Profissionalmente me realizei.”* Apenas a senhora Hortência (72 anos) revelou que esqueceu o que aprendeu na escola, *“depois que cresci esqueci tudo o que aprendi”*. Filha de agricultores italianos aprendeu a falar utilizando um dialeto italiano o que trouxe alguns conflitos com o ensino na escola, conforme relatou em diferentes ocasiões. Em sua vida utilizou pouco a escrita, o que se configurou uma mistura dos dois idiomas, o português e o italiano. Ela está no grupo desde o ano de 2006 e tem construído novas aprendizagens na Língua Portuguesa apesar da forte influência de um dialeto italiano.

Envolvida com esse projeto há alguns anos desenvolvi alguns pressupostos sobre os motivos que os estudantes adultos maduros e idosos voltam aos estudos, porém acredito ser imprescindível oportunizar ao grupo anunciar suas impressões. Tendo respaldo em Cachioni quando afirma

A educação tem um importante papel, que não é o de divertir ou entreter o idoso, nem de perpetuar ou reproduzir papéis desempenhados em outras épocas da vida, mas sim servir de veículo para que o indivíduo, independentemente da idade cronológica, consiga manter seus níveis normais de funcionamento e desenvolvimento. (CACHIONI, 2003, p.44)

Os motivos que os fizeram voltar a estudar coincide com as pesquisas e a literatura existente. Os estudantes do Grupo Revivendo a Vida demonstraram algumas preocupações com a saúde mental e o bem estar na velhice. A seguir elencarei as impressões dos estudantes. A maioria referiu que quer aprender mais porque *aprendeu pouco na escola* de suas infâncias. *Lembrar o que já aprenderam e adquirir novos conhecimentos, melhorar no Português, a saudade dos bancos escolares, estar atualizado, acompanhar a evolução da vida e do mundo e não ficar alheia aos progressos, “mexer” com os neurônios, preocupação em ficar esquecidos, renovar a memória, exercitar a mente.*

Ao analisar o material das entrevistas, torna-se evidente a preocupação dos estudantes com as questões de convivência quando referiram que voltaram a estudar porque queriam *estar conectados a outras pessoas, ter bons relacionamentos, participar de grupos com outras pessoas, não ficar sozinho, não ficar em casa pensando bobagens.* A senhora Hortência (72 anos) escreveu *“voltei a estudar porque é bom saber. Hoje tudo é escrito e tem que ler para ir ao banco ou ir ao mercado.”* A senhora Camélia (73 anos) registrou sua

preocupação “*eu voltei a estudar porque quero renovar minha memória e não ficar uma velha gagá. Os tempos mudaram e eu tenho que acompanhar.*”

Outros estudantes registraram diferentes motivações para voltar a estudar, como por exemplo, *acompanhar a esposa que já era participante do grupo, escrever um livro de memórias, porque estava deprimido, vencer a timidez, como uma terapia, realizar um sonho, porque sentia estar velha e incapaz.* E é comovente o que a senhora Maria Rosa (74 anos) expôs sobre a motivação para voltar a estudar “*porque eu fiquei viúva e precisava preencher o vazio que ficou, aí apareceu esta oportunidade no UniRitter e aqui estou muito feliz com os colegas e professores que tenho, graças a Deus*”.

Convidados a retratar os resultados percebidos em suas vidas após o ingresso no Grupo Revivendo a Vida, a maioria disse estar feliz *por conhecer outras pessoas, sentem-se mais ativos, a oportunidade de relembrar o tempo de infância e juventude, mudança em suas rotinas, a convivência com outras pessoas, aprender mais sobre tudo, recordar o passado, reaprender a escrever, melhorar na caligrafia, mais confiante porque tem mais conhecimento, aprender coisas novas como a informática e o inglês.* Alguns estudantes atribuem ao grupo o lugar de família, pois moram sós. Segundo o depoimento da senhora Violeta (56 anos) “*saí da monotonia, estava deprimida, ficava só em casa sem ter nenhuma esperança de dias melhores para mim, o grupo me deu vida nova*”. Além disso, alguns estudantes registraram que se sentem mais otimistas e esperançosos, mais seguros, alertas e perseverantes.

O estudante Narciso (83 anos) demonstrou seus sentimentos em sua fala “*é maravilhoso estar nesse grupo, somos muito amigo uns dos outros participando com muita alegria em todas as atividades*”. O reconhecimento que estudantes tem a respeito do grupo é de que o mesmo é como um espaço para viver a vida de outro jeito. Isso fica corroborado nas palavras, nos gestos e nos olhares. A senhora Palma (74 anos) historiou em seu questionário “*estou revivendo a minha vida e renovando o que eu aprendi há muitos anos atrás, é muito gratificante para mim voltar a estudar, me renovo.*”

Não obstante penso ser fundamental investigar as dificuldades para aprender e as dificuldades no próprio grupo. Os depoimentos traduziram as percepções de cada estudante. A maioria respondeu que *as dificuldades eram da ordem da escrita, como por exemplo; confusão com as letras, juntar as letras e escrever certo, trabalhar e interpretar textos e falta de prática para colocar no papel, falta de tempo para acompanhar todas as aulas por causa de outros compromissos, aprender inglês por causa da pronúncia, gravar as coisas da informática.* Outra parcela dos estudantes respondeu que não havia *nenhuma dificuldade e*

que tudo estava ótimo, que o ensino é completo e as professoras têm paciência e alguns idosos gostam de polemizar.

Curioso o depoimento da senhora Margarida (68 anos) “*no grupo não existe dificuldade, no aprendizado, às vezes, somos muito lentos porque não somos mais jovens, então a idade nos deixa a desejar*”. O que propõe a pensar se essa afirmação não foi introjetada a partir do senso comum de que as pessoas mais velhas não conseguem o mesmo desempenho das mais jovens. Como afirma Cachioni (2003, p.219) que afirma “*de fato, as sociedades historicamente avaliam a velhice como fase de perdas físicas e cognitivas e os idosos como indivíduos incapazes, isolados, desinteressados, discriminados socialmente e improdutivos*”.

Ao serem convidados a pensarem e registrarem suas percepções acerca das diferentes atividades pedagógicas oferecidas ao Grupo Revivendo a Vida, eu tinha como expectativa conhecer como se sentiam em participar das atividades do inglês, da informática, do teatro, da lógica e do senso comum, da expressão corporal, do canto e das aulas regulares na turma do Pós Alfabetização. Apenas uma estudante respondeu que *não podia opinar, pois não participava de tudo*. A maioria registrou que *todas as atividades são importantes para a memória, ótima oportunidade para aprender, mas é preciso paciência para ensinar, é produtivo, é um incentivo para exercitar a mente e ter uma vida mais saudável, é uma reciclagem*. As dificuldades mais evidenciadas ficaram por conta do inglês e da informática, o que é bem retratado no testemunho da senhora Orquídea (72anos) quando disse “*é comum a gente ter um pouco de dificuldade para aprender o inglês e a informática. Ter estas oportunidades dá para a gente se defender com a vida moderna que estamos vivendo.*”

Nas palavras da senhora Gérbera (71 anos) participante desse projeto desde o ano de 2005 onde teve seu processo de alfabetização consolidado é aparente o sentimento quando escreveu “*eu acho tudo maravilhoso porque eu nunca vi um computador na minha vida, pela primeira vez eu entro numa faculdade, e não é para limpar, para mim é um sonho*”.

Quanto às sugestões para a melhoria das atividades oferecidas ao Grupo Revivendo a Vida a maioria dos estudantes apresentou a inclusão de novas atividades, além das existentes. Entre elas: *a realização de passeios, mais festas, melhorar as aulas de informática, realizar visitas a outros grupos de idosos e recebê-los no UniRitter, continuar implantando novas ideias, promover a ida ao teatro e ao cinema, proporcionar o ensino de violão ou outros instrumentos musicais e que o grupo cresça ainda mais e nunca acabe*. Poucos estudantes não apresentaram sugestões, pois julgaram que *o grupo está perfeito ou completo em tudo* e, um dos estudantes, registrou que “*se melhorar estraga*”.

Entretanto, alguns estudantes sinalizaram a preocupação com aqueles colegas que se afastaram do grupo, quer seja por problemas de saúde, familiar, desinteresse nos estudos, etc. Tal preocupação ficou aparente na expressão *“trazer de volta os colegas que estão faltando, incentivar a assiduidade como responsabilidade e que o grupo compareça mais em todas as atividades.”* E para alguns estudantes *“a presença da coordenadora em todas as atividades é fundamental”*. Nas palavras da senhora Margarida (68 anos) é possível perceber a importância desse grupo *“que o grupo continue sempre assim, para que possamos cada dia aprender mais para termos uma vida mais saudável enquanto aqui estivermos.”*

Esses depoimentos me fizeram pensar sobre a complexidade do processo educativo e seu impacto na vida dos estudantes. Os participantes do Grupo Revivendo a Vida vêm para essa IES em busca de oportunidade para continuar aprendendo e ressignificar as experiências escolares, aprofundar os conhecimentos em um tempo que parece ser especial, pois para muitos significa a concretização de um sonho, o sonho de estudar. As pessoas desse grupo estabelecem relações de respeito, de acolhimento e de parceria entre si e com as monitoras, a professora, as estagiárias e todas as pessoas que se agregam ao grupo. A convivência é pautada no respeito às diferenças e no exercício da tolerância. A sala de aula se constitui como um espaço de escuta, de diálogo permanente, de troca, de aprendizagens e *ensinagens*.

Se pensarmos na educação como prática “domesticadora” e que tem como conotação central a manipulação nas relações entre educadores e educandos dificilmente entenderemos as relações que se estabelecem no Grupo Revivendo a Vida. Os educandos nessa concepção devem ser “preenchidos” pelas palavras dos educadores, que são escolhidas a partir de seu marco cultural de referência. Sendo assim, as estruturas sociais não são discutidas e nem desvendadas. O educador consciente ou não dessa manipulação, engaja-se na prática “domesticadora” desenvolvendo uma forma de educação em que as classes dominantes impedem as classes dominadas de perceber e pensar as injustiças sociais a que são submetidas. Portanto, a educação não pode ser entendida como neutra, pois estará sempre a serviço de algo ou de alguém.

Na educação para a libertação, o educador convida a conhecer e a desvendar a realidade de maneira crítica, em uma relação dialógica, pautada no respeito à diversidade e aos saberes já construídos ao longo da vida. O processo de educação de e com adultos é um ato criador de construção do conhecimento, em que os educadores são sujeitos cognoscentes tanto quanto os educandos. Os educandos são percebidos como integrantes da grande “família de oprimidos”, para quem a solução é fazer história e por ela serem feitos.

Na perspectiva freiriana de educação, é essencial uma relação dialética dos seres humanos com o mundo, com a linguagem e com a ação transformadora. É a possibilidade de dar voz aos sujeitos como participantes de um projeto maior, de *empowerment*. Homens e mulheres de diferentes grupos sociais e culturais são capazes de analisar e refletir de que modo constroem ativamente suas experiências dentro das relações de poder. Como dar sentido e expressar suas necessidades dentro de um projeto de *empowerment* individual e social.

Educar-se, na perspectiva freiriana, é uma das maneiras em que o sujeito tem para se tornar autocrítico a respeito de sua própria história. Nomear a sua própria vivência significa “ler o mundo” e compreender a sociedade e as relações de poder que se atravessam. Entendendo a alfabetização como um processo que se estende para além da possibilidade de ler e escrever códigos e, sendo assim, concordo com Giroux quando afirma que (apud FREIRE, 1990, p. 16)

O que está em jogo aqui é a noção de alfabetização que estabelece relações de poder e de conhecimento não apenas a *o que* os professores ensinam, mas também aos significados produtivos que os alunos, com todas as suas diferenças sociais e culturais, trazem para as salas de aula como parte da produção de conhecimento e da construção de identidades pessoais e sociais.

Portanto, conceituar a alfabetização no sentido freiriano, como uma leitura do mundo e da palavra, é lançar as bases teóricas para uma análise mais complexa de como se produz o conhecimento e de como se constroem as subjetividades no interior das relações de interação, nas quais professor e aluno procuram fazerem-se presentes como autores ativos de seus próprios mundos. Em suas palavras Freire explicita a importância da alfabetização como possibilidade de emancipação e transformação na vida das pessoas quando afirma que

Só assim a alfabetização cobra sentido. É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre o seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre a própria alfabetização, que deixa assim de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, como uma criação. Só assim nos parece válido o trabalho de alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim a alfabetização tem sentido. Na medida em que o homem, embora analfabeto, descobrindo a relatividade da ignorância e da sabedoria, retira um dos fundamentos para a sua manipulação pelas falsas elites. Só assim, a alfabetização tem sentido. (FREIRE, 1975, p. 142)

Pensar e atuar na educação de adultos sem estudar Paulo Freire, seria desconhecer o que há de mais precioso em educação. Em sua trajetória de vida como educador, a reflexão e a

ação política pautaram a sua escolha pelos menos favorecidos, pelos “filhos do povo”, pela “grande família dos oprimidos”, criando uma nova concepção em educação.

Pode-se afirmar que essa nova concepção de educação tem como significação uma ação cultural para a liberdade. É um novo paradigma na alfabetização como meio de democratização da cultura, oportunidade de reflexão sobre o mundo e o lugar deste homem no mundo. A perspectiva freiriana em educação necessita de que educadores e educandos acreditem na educação para todos e tenham esperança na transformação da realidade em que vivem.

Conforme Zitkoski (2010) o maior desafio de Paulo Freire é a humanização do mundo por meio da ação cultural libertadora, concordo quando diz que

Esse desafio, sem sombra de dúvidas, continua hoje mais atual do que há vinte ou trinta anos e requer de nós, seres humanos, sujeitos da história, um compromisso ético e político claramente definido em favor da transformação da realidade. O mundo real que nos cerca é intrinsecamente dialético porque, efetivando-se historicamente, nos constitui e, ao mesmo tempo, é constituído por nós, que somos sujeitos da práxis social. Portanto, frente aos problemas que a realidade atual nos apresenta, precisamos impulsionar novos momentos de ação para que possamos atingir outros níveis de humanização do mundo, da sociedade e da cultura. (ZITKOSKI, 2010, p.15)

Sendo assim, urge que pensemos a sociedade contemporânea e as relações sociais que se estabelecem nos diferentes âmbitos da vida pública e privada, assim como a produção do conhecimento técnico-científico, as diferentes culturas e os rumos da educação. Paulo Freire na década de sessenta do século XX definia a alfabetização como conscientização, como politização, como meio de tornar o homem consciente de sua realidade e de sua possibilidade de transformá-la. A educação como tomada de consciência, superando a consciência ingênua e construindo a consciência crítica. Pode-se afirmar que Paulo Freire inaugurou uma nova concepção de educação, pautada na pedagogia do oprimido e da esperança quando denuncia que

Aprender a ler e a escrever se faz assim uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa *dizer* a palavra: um comportamento humano que envolve a ação e a reflexão. Dizer a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. Como tal, não é o privilégio de uns poucos com que silenciam as maiorias. É exatamente por isso que, numa sociedade de classes, seja fundamental à classe dominante estimular o que vimos chamando de cultura do silêncio, em que as classes dominadas que se acham semiúmidas ou mudas, proibidas de expressar-se autenticamente, proibidos de ser. (FREIRE, 2002, p. 58)

Então, aprender a ler e a escrever é muito mais do que decodificar códigos, é ir além, é a possibilidade de transformar o mundo, é dar significado as interações entre o sujeito e o outro e o mundo. Aprender a ler e a escrever pode ser a oportunidade de transformar o modo de ver e pensar o mundo e nele agir. No processo de aprender a ler e a escrever o sujeito encontra a si mesmo, reconhece-se no outro e seu modo de pensar e agir no mundo vai se transformando e transformando o outro.

Acredito na alfabetização como um dos caminhos para o autoconhecimento. É estar na comunidade de forma consciente e participativa, é a inclusão na polis. É pertencer à cidade que dantes era dos outros, dos alfabetizados. Aprender a ler e a escrever é gerador da autonomia moral.

Nas falas dos estudantes do Grupo Revivendo a Vida é visível a importância da alfabetização e do tempo escolar em suas vidas. Em seus depoimentos retratam as experiências vividas. Depoimentos permeados pelas emoções que os constituíram e os constituem como sujeitos no mundo.

4 APRENDENDO A PRÓPRIA VIDA: OS SUJEITOS DO GRUPO REVIVENDO A VIDA E SUAS NARRATIVAS

Como arrancar do fundo do oceano das idades um “fato puro” memorizado? Quando puxarmos a rede veremos o quanto ela vem carregada de representações ideológicas. Mais que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida cotidiana. Colhe pontos de vista diversos, às vezes opostos, é uma recomposição constante de dados. (BOSI, 2004 p.20)

Dos vinte e cinco respondentes do questionário foram selecionados cinco sujeitos para participar de uma entrevista semiestruturada, etapa seguinte desta Pesquisa Participante. O critério utilizado foi à escolha das pessoas com mais idade. Com a intenção de conhecer melhor como as experiências escolares no Grupo Revivendo a Vida se relacionam com a vida cotidiana desses sujeitos, a entrevista foi realizada sendo a primeira pergunta comum a todos. E então, a partir de suas respostas, diferentes perguntas foram surgindo na tentativa de tornar visíveis as vivências e impressões escolares desses sujeitos.

Dos cinco entrevistados, dois são do gênero masculino e três do gênero feminino e suas idades variam de 76 a 83 anos. A pergunta comum a todos e que iniciou a entrevista foi: **“Como a experiência escolar no Grupo Revivendo a Vida se relaciona com a sua vida cotidiana”?** Essa indagação provocou diferentes respostas que se complementaram e apontaram para algumas preocupações em comum, o que poderá ser constatado a seguir.

4.1 APRENDER NÃO OCUPA LUGAR

A senhora Iris (76 anos) relatou que *“sente prazer em aprender e que aprender não ocupa lugar”*. Quando solicitada a explicar o sentido da expressão “aprender não ocupa lugar” ressaltou que *“aprender nunca é demais e estar com pessoas de sua idade é prazeroso, pois com os jovens parece não haver muito assunto”*. Os jovens, segundo ela, têm outros interesses e assuntos, *“falam mais sobre diversão e o futuro”*. Ao falar de sua família classificou-a como *“grande, pois teve sete filhos, onze netos e três bisnetos”*. Atualmente mora em sua casa com o filho mais moço que é solteiro.

Quando perguntada sobre os conteúdos escolares estudados no Grupo Revivendo a Vida e sua influência na vida diária ela afirmou que *“as matérias e as notícias estudadas servem para atualização e aprender coisas novas que ainda não sabia”*. Citou as aprendizagens construídas sobre política que desconhecia, tais como as atribuições dos três poderes e perguntou *“a gente fica mais inteligente, né?”* Usou a expressão *“ficar a par dos*

assuntos e poder comentar o que aprendeu aqui na aula, não ficar presa ao passado, se atualizar”

Ao ser perguntada como é estar com 76 anos disse que *“fisicamente está bem, mas está esquecida e com problemas de memória”*, demonstrou preocupação com o dinheiro (é pensionista) e referiu que às vezes não lembra onde o guardou. Relatou que *“a vida não foi fácil”*, criou os sete filhos, cuidou de sua mãe que morreu aos 99 anos. Além disso, o primeiro marido (pai dos filhos) teve derrame cerebral e ficou paralítico por quatro anos sob seus cuidados. Depois de cinco anos de viuvez casou novamente e após nove anos, o segundo marido teve câncer de próstata e faleceu.

Durante a entrevista a senhora Iris parecia procurar respostas para os problemas de memória e com ar pensativo afirmou *“Tive uma vida com muitos problemas, também não foi fácil, não. Acho que acumulei muita coisa e a cabecinha está dando sinais de cansaço”*. Assim como a senhora Iris, outras pessoas do Grupo Revivendo a Vida demonstraram apreensão com os esquecimentos que passaram a fazer parte de suas vidas. Busco amparo nos estudos sobre memória de Iván Izquierdo (2007) quando reflete que

Esquecemos talvez, em parte porque os mecanismos que formam e evocam memórias são saturáveis. Não podemos fazê-los funcionar constantemente de maneira simultânea para todas as memórias possíveis, as existentes e as que adquirimos a cada minuto. Isso obriga naturalmente a perder memórias preexistentes, por falta de uso, para dar lugar a outras novas. (IZQUIERDO, 2007, p.21)

Ao ser perguntada como se sentia no Grupo Revivendo a Vida, ela respondeu que se *“sentia muito bem e que o estudo é muito importante ,é como uma obrigação que não deixa a vida monótona, é como uma obrigação muito boa, um prazer estudar e aprender. Sempre sonhei em estudar mas só foi possível estudar até o quarto ano primário”*. Em seguida, contou que casou jovem e veio da cidade de Pelotas para Porto Alegre com o marido porque havia mais oportunidade de emprego. Criou os filhos e foi dona de casa e segundo ela *“é bem melhor estudar e tratar de ficar apurada com as coisas do mundo”*.

4.2 ABRIR A MENTE É ENXERGAR AS COISAS COM MAIS CLAREZA

Para a senhora Gloriosa (77 anos) a experiência escolar no Grupo Revivendo a Vida foi reconhecida como *“muito legal porque pode aprender a conversar e se desinibir”*, pois se definiu como *“encabulada”*. Aprecia o contato com os colegas e os professores e disse sentir-

se feliz no grupo. Afirmou que *“já frequentei outro grupo, mas não como este, o grupo Revivendo a Vida. O outro grupo é para a prática da meditação”*.

Quando perguntada sobre o que é estudado nas aulas e sobre o conteúdo desenvolvido, se o mesmo se relaciona com a sua vida no dia a dia, respondeu *“eu acho bom porque a gente abre a mente e eu me sinto muito burra, sei que a gente não deve dizer assim, mas eu queria ser mais inteligente”*. E ao ser questionada por que não se achava inteligente, ela não conseguiu responder de forma clara. Ficou enaltecendo a inteligência das três filhas e não conseguiu justificar a sua suposta falta de inteligência. Quando solicitei que explicasse a expressão *“abre a mente”* ela prontamente respondeu e seus olhos brilharam ao exclamar *“ah...professora...é enxergar as coisas com mais clareza e ver as coisas que são certas ou erradas, como a gente deve agir...eu gosto muito do grupo, gosto de paixão”!*

A metáfora de abrir a mente talvez possa ser pensada como uma nova forma de percepção e concepção de mundo em que as relações sociais são construídas pelo diálogo e o reconhecimento do outro. Em sua fala é perceptível a relação das aprendizagens construídas no Grupo Revivendo a Vida como a mudança na forma de entender e dimensionar o mundo, de construir nova consciência e do desenvolvimento de novo conhecimento. Corroboro com Paulo Freire quando pondera que os educandos

Ao terem a percepção de como antes percebiam, percebem diferentemente a realidade, e, ampliando o horizonte do perceber, mais facilmente vão surpreendendo, na sua “visão de mundo”, nas relações dialéticas entre uma dimensão e outra da realidade. (FREIRE, 1970)

Inquirida sobre os estudos feitos nos últimos projetos e o que havia sido mais marcante respondeu entusiasmada, mexeu-se na cadeira e seu semblante ficou risonho, falou *“ah... tanta coisa... o projeto do chá do professorzinho Leonardo¹ foi muito bom, aprendi coisas novas que não sabia como os jeitos diferentes de fazer o chá.”* Logo depois ficou séria e queixou-se de que está esquecida, fez exames médicos para descobrir qual o problema com sua memória. E para sua surpresa os exames clínicos não apontaram nenhum problema. A médica disse que *“é normal, é da idade”*, mas a senhora Gloriosa duvidou do veredito médico.

Assim como outros participantes do Grupo Revivendo a Vida, a senhora Gloriosa mora em um bairro distante do UniRitter, utiliza quatro transportes coletivos, dois para ir a

¹ Leonardo Rocha, jovem estudante do curso de Pedagogia, realizou estágio curricular no Grupo Revivendo a Vida no segundo semestre de 2010.

faculdade e dois para voltar para casa. Mesmo assim disse que este “*sacrifício*” vale a pena. Ela possui uma rotina estabelecida entre a atividade física (hidroginástica), a meditação, a organização da casa e o Grupo Revivendo a Vida. Mora sozinha, mas em suas palavras disse “*moro eu e Deus*”.

No decorrer da entrevista relatou preocupação com as calamidades que vem ocorrendo no mundo, terremotos, enchentes, tsunamis, etc. Gloriosa é de confissão evangélica e é perceptível em sua fala a visão de mundo que tem. Emocionada disse “*as pessoas tem que melhorar umas com as outras, tem que ser mais generosas, tratar bem as pessoas, se aproximar de Deus. Eu estou me preparando para Deus*”... Ao ser perguntada como está fazendo isso respondeu: “*oro pela manhã e à noite, agradeço a Deus pela manhã e à noite pelo que sou e por tudo que tenho. Ajudo as pessoas sempre que posso, dou dinheiro para duas cestas básicas. Mandei fazer um aparelho auditivo para mim e logo que terminar de pagar posso voltar a ajudar mais a quem precisa*”.

A senhora Gloriosa relatou que há três anos percebeu que estava ouvindo mal. Procurou tratamento e descobriu que “*a perda auditiva é normal para a idade*”. Desde então usa aparelho auditivo e contou que fez um aparelho novo, “*discreto e mais confortável para usar*”. Assim como a perda da memória, a perda auditiva foi considerada normal no processo de envelhecimento, segundo a equipe médica que trata a senhora Gloriosa. Entretanto, é interessante perceber que ela parece não se conformar que viver por mais tempo signifique perder atributos tão essenciais para viver plenamente a vida.

Corroboro com os estudos e reflexões produzidas pela psicóloga e pesquisadora Ligia Py quando assinala que

As transformações do corpo que envelhecem nos revelam ao outro, antes que tenhamos percebido o que está nos acontecendo. Admiti-las é obra dos nossos caminhos na realidade e, também, das nossas possibilidades de provocar outra transformação, para além da pele, no íntimo mais profundo de nós mesmos, onde subjetivamos a nossa existência. Ali onde não há cronologia, onde reina o desejo que nos move à criação, sempre inacabada e, por isso mesmo, sempre renovável. (PY, 2006, p.112)

A senhora Gloriosa demonstrou a insatisfação de conviver com as perdas e as transformações advindas da idade, pois sente-se disposta e com energia para viver o seu cotidiano de maneira autônoma e responsável.

4.3 ALGUÉM SE IMPORTA E QUER ME CONHECER MELHOR

Antes de iniciar a entrevista com a senhora Tulipa (81 anos) ela fez questão de declarar: *“Eu me sinto lisonjeada de ser escolhida, é sinal que se importam comigo... alguém se importa e quer me conhecer melhor...”*. O início dessa narrativa me fez pensar sobre a importância que a pesquisa concede ao sujeito pesquisado.

Ao ser feita a primeira pergunta, a senhora Tulipa contou a sua trajetória escolar enquanto criança, jovem e adulta, falou dos lugares onde estudou, o desejo de ser enfermeira e a tristeza de não ter podido realizar esse sonho, o cuidado dispensado na educação do neto, a ajuda para a família e o trabalho voluntário que realiza há sete anos e, também, o quanto é feliz no Grupo Revivendo a Vida .

Somente na segunda vez que perguntei como a experiência pedagógica no Grupo Revivendo a Vida se relaciona com sua vida diária é que a senhora Tulipa conseguiu responder de forma objetiva dizendo: *“Ajuda bastante. A única coisa que eu gostaria é mais matemática... A matemática não entra muito na minha cabeça, as contas alguma coisa eu sei, outras eu não sei, às vezes eu sei ou não e daí conto nos dedos ou faço pauzinhos...parece que não sei pensar...às vezes... O português sei me defender, mas falta letras...Ah...mas tem uma coisa...para ensinar gostaria que fosse só a senhora porque o seu ensino entra na alma, a senhora sabe ensinar, sabe dar para a gente. Mas eu sei que nem sempre dá para ser o que a gente quer, né? O inglês eu adoraria saber falar... Mas é tão difícil... A matemática do professor Nubem é muito boa, a gente se diverte, faz bem para a cabeça da gente e ele é demais, é legal, é ótimo, a gente se sente em casa, mas precisamos se puxar para pensar”*.

Em seu relato foi possível perceber a preocupação com as aprendizagens escolares mais formais e a possibilidade e, também, a dificuldade de usufruir das atividades pedagógicas oferecidas. Tendo como respaldo as leituras de Ecléia Bosi quando afirma que

Pensar não é uma atividade subjetiva, é um relacionamento entre sujeito e objeto. É só essa relação com o objeto que nos faz passar da opinião para o conhecimento. Mas a não reciprocidade das relações entre sujeito e objeto é uma característica da nossa sociedade. O pensamento não é uma potência formal que se alimente de si mesmo. Deve voltar-se para o mundo e, se for um pensamento prudente, deve prover com objetos os seus conceitos. (BOSI, 2004 p.121)

Sendo assim, entendo quando a senhora Tulipa afirmou “mas precisamos se puxar para pensar” evidencia a aprendizagem como um processo complexo ao mesmo tempo individual, coletivo, social. E ao ser perguntada se mudou alguma coisa em sua vida afirmou:

“Mudou tudo. Eu sei... Mais às vezes eu respondia mal para as pessoas, ficava nervosa... Eu melhorei como pessoa. Tem pessoas que não agradecem a gente e não ajudam em nada... Mas aprendi a conviver com isso. Aqui na faculdade eu me dou de corpo e alma. É uma lição de vida, não tem explicação”. Então perguntei se podia afirmar que ela havia melhorado como pessoa, ela sorriu e disse “melhorei muito mesmo”.

Concordo com Jeanete Liasch Martins de Sá quando propõe uma discussão sobre a educação como um processo permanente e coexistente à própria vida dos sujeitos e afirma que

O aluno veterano, ao mesmo tempo em que demonstra necessidade de *estar* no mundo, quer *estar* com ele, o que envolve o outro, o grupo, a comunidade, a cidade, a humanidade, conforme suas expressões. Ele sente urgência e necessidade de atuação. (SÁ, 2006, p.301)

A senhora Tulipa reside no mesmo pátio que sua filha, porém tem a sua própria casa e fez questão de dizer “*moro no que é meu*”. Enquanto respondia as perguntas sempre fazia referência a sua família e as figuras parentais, ao marido e as dificuldades que passou para criar os quatro filhos. Durante a entrevista tive a impressão que revisitou o passado, as relações afetivas e os costumes de uma época tão distante e distinta dos dias de hoje.

Contou que não pode amamentar porque não tinha leite e por isso seus filhos foram “*guachos*”. Quando demonstrei surpresa logo explicou: “*Ah... É assim... Quando eu estava grávida já falava com o fazendeiro e ele cuidava um novilho para dar o leite para a criança, foi assim com todos eles. Na real professora, quando eu era solteira, menina de uns 14 anos eu via minha mãe sempre dando o peito, cheia de filhos, um dentro e outro fora mamando, eu disse se eu casar quero ter só dois filhos e não vou dar mamá! E não é que não consegui mesmo! Agora falando aqui para a senhora me veio a ideia que foi por isso que eu não dei de mamá para os meus filhos...não conseguia fazer leite...decerto era para não ficar como a minha mãezinha!*” Interessante a relação que estabeleceu ao evocar as memórias da maternidade com as imagens da própria mãe e com o fato de não ter conseguido amamentar. O quanto a pesquisa pode penetrar em um mundo já vivido e oportunizar a ressignificação de experiências tão íntimas e específicas.

Emocionada, a senhora Tulipa contou sobre a morte de um dos filhos, o mais novo, em um acidente de trânsito e como fez e tem feito para superar a dor. Em sua narrativa misturou os assuntos familiares com os acontecimentos da infância e da idade adulta, não de forma desequilibrada ou patológica, mas como se estivesse desenrolando um novelo de recordações vividas e, ao puxar um fio, as imagens da vida vivida desfilassem em sua memória suscitando

diferentes emoções. Mesmo relatando fatos tristes de sua biografia de imediato lembrava algumas situações pitorescas como o nome da dona de um cabaré frequentado por seu pai, “*a dona Abertulina.*” Segundo Chauí apud Bosi

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição. (BOSI, 2004, p.22)

Mais uma vez, discorreu com tristeza da vida de sua mãe e comovida falou do casamento e da viuvez aos 38 anos de idade. Relatou que a mudança da cidade de Arambaré para a cidade de Porto Alegre teve como finalidade proporcionar “*estudo para os filhos e a possibilidade de uma vida melhor*”. Viver na capital com os filhos foi carregado de “*dificuldades, trabalho pesado, privações e sofrimento*”.

Compartilho do pensamento de Mattos quando refere que

No grupo de convivência, a importância de estar com o outro, as trocas de experiências, o partilhamento das dificuldades, fazem os idosos sentirem-se mais produtivos, pelo simples fato de serem aceitos, de conversarem sobre problemas semelhantes, de desenvolverem capacidades semelhantes, de olharem uns aos outros, como seres que têm desejos, lembranças, criatividade, e que podem levar ao crescimento por meio de motivação do grupo e coordenação do facilitador. Falamos em crescimento, não somente no aspecto individual, mas, também, no sentido mais amplo, ao “empoderarmos” aquelas pessoas a agirem sobre o mundo, sobre a sociedade e pessoas que vivem ao seu redor, no objetivo de torna-los sujeitos reflexivos e operativos. (MATTOS, 2008, p.20)

Aos 81 anos de idade a senhora Tulipa mencionou que “*o melhor é ficar aqui estudando, ser recebida como sou recebida, é o coral, é aprender a minha vida e falar mais e melhor, receber bem as pessoas e tratar com carinho a todos. Não é presente que conta, eu tenho as minhas coisinhas, o carinho e o amor é o de mais valor na vida da gente. Eu já tenho tudo... Se dar bem com as pessoas...Quando a senhora nos dá livro, caderno, caneta, lápis é bom...incentiva os nossos estudos. A gente está em uma fase de idade que fica pensando o que eu espero da vida? Paz, amor, saúde e carinho... É o que mais eu espero de minha vida, quero ser feliz com a minha turma (Grupo Revivendo a Vida) onde eles estão eu quero estar, é isso o que eu quero.*”

4.4 É QUE FICAR VELHO TEM DESSAS COISAS VAI APARECENDO DE TUDO UM POUCO

O estudante Anturio (78 anos) ao responder a primeira pergunta disse “*é muito importante o que se relaciona aqui...os estudos com a vida da gente...por isso que estou aqui, não tenho queixa... do jeito que eu andava...*” Ele expôs as dificuldades que vem enfrentando com a perna direita, as barreiras para se locomover pegar ônibus ou entrar no carro da filha. Em sua fala apareceu a expressão “*depois de certa idade*”.

Ao ser perguntado se os estudos aqui no UniRitter contribuem com alguma coisa em sua vida ele disse : “*Tem coisa que me ajuda... Eu tinha um esquecimento e o que aprendo aqui faz eu me lembrar de tantas coisas*”. Ao ser indagado sobre sua idade ele demonstrou, em sua fala, os cuidados e a preocupação com a saúde e a assistência médica. Transpareceu o sentimento de ser um peso para as filhas quando disse: “*Eu estou com 78 anos... Já é uma idade. Ontem a doutora perguntou da minha idade, também. E disse que tenho que me cuidar. Mas eu me cuido... É que ficar velho tem dessas coisas vai aparecendo de tudo um pouco. Tenho uma filha que me dá a UNIMED (plano de saúde) eu estou encostado nela...agora ela se aposenta e eu vou perder o plano. Mas daí a outra filha vai fazer outro plano para mim... Vai ficar caro, mas ela disse que a gente paga, se vira e tem que pagar...não dá para ficar sem assistência*”. Tendo respaldo em Chauí apud Bosi quando cita

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda. Repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. (BOSI, 2004, p.22)

O senhor Anturio ficou viúvo quando suas filhas tinham 12 e 14 anos, contou sobre a doença de sua esposa e da “*falta de conhecimento e de recursos médicos.*” Lamentou não saber àquela época o que hoje sabe. A mudança da cidade de Uruguaiiana para Porto Alegre representou a busca por melhores condições de vida e o medo de não poder criar as filhas. Desde cedo as meninas foram trabalhar em casa de família e estudavam à noite. Mesmo sem ter ido à escola na infância, o senhor Anturio valorizava o estudo e fez de tudo para que as filhas não abandonassem à escola. E não abandonaram.

No transcórre da entrevista ele contou sobre o segundo casamento que durou 22 anos. Conheceram-se no bairro da Restinga (Porto Alegre) onde moravam. Disse que ela era uma mulher que “*gostava de se governar*” e que tinha duas filhas moças que “*não davam bola para ela.*”. Viveram felizes, pois “*ela não se metia com as filhas dele e nem ele com as filhas dela*”. Ela não tentava “*governar*” ele.

Em suas palavras é possível perceber o sentido que o estudo no grupo Revivendo a Vida teve para ele quando disse: *“22 anos... Não foram 22 dias. Viajamos bastante, andamos por aí. Fomos até o Espírito Santo onde eu tinha parente. Mas a coitada colocou ponte de safena, era diabética e nunca cicatrizou a operação. Fui com ela no médico e ele mandou operar, mas ela nem quis avisar as filhas, estava magoada com elas. Eu dizia para ela muito bem dona a senhora se resolve sozinha. Mas cuidei dela por seis meses, cuidei dela sozinho, ela se operou e não se recuperou mais, até para ir ao banheiro eu tinha que ajudar para ela não cair, ficou fraca... uma mulher que era forte que nem a senhora ficou tão fraquinha... uma judiaria... ela morreu em 2004...eu tinha me operado da próstata em 2002 quando tive aquele câncer que estava lhe contando...(antes da entrevista ele mencionou que está em revisão médica por causa de um câncer operado em 2002) foi uma fase bem difícil para mim...por isso que foi bom estudar e conhecer novos amigos, eu estava muito sozinho, entristecido...sem alegria na vida”*. Ao escutá-lo atentamente foi impossível não pensar nos ensinamentos do querido educador Paulo Freire e as situações limites vividas pelo senhor Anturio. O quanto pertencer a esse grupo e vivenciar uma proposta pedagógica construída a partir de uma relação dialética pode ser oportunizador de um novo jeito de pensar, pensar-se e pensar o mundo. Apoiada na esperança pedagógica de Freire busco respaldo para afirmar que

Esta é a razão pela qual não são as “situações limites”, em si mesmas, geradoras de um clima de desesperança, mas a percepção que os homens tenham delas num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar. No momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a empenhar-se na superação das “situações limites”. (FREIRE, 1970, p.51)

Ao encerrar a entrevista e agradecer a disponibilidade para vir ao UniRitter ele concluiu dizendo: *“olha , até as filhas dizem que aqui é muito bom para mim. Pego o ônibus às 2h 10min, o Circular, e venho para cá. Venho mesmo por causa que é bom para mim, me faz sentir gente!”*

Inevitável não pensar em Paulo Freire e a premissa que embasa seu pensamento de que é específico do ser humano, o inacabamento. Como lembra Zitkoski (2010) e, por sermos inacabados nos asseveramos como um projeto existencial para o futuro, em busca de outras novas realizações que deem sentido a nossa vida. Busco apoio em suas palavras

A totalidade de nosso ser, considerada em seu momento presente, se fosse fechar-se em si mesma, negaria a característica que Freire considera ser ontológica no ser humano, a saber, a busca do *ser mais*. É por estarmos em constante busca de transcendência de nós mesmos que nos encontramos sempre projetando o futuro

considerando o lugar e o tempo em que nos encontramos historicamente. (ZITKOSKI, 2010, p.60)

4.5 POSSO DIZER ASSIM... HOJE EU TENHO ONDE BUSCAR

O senhor Narciso (83 anos) respondeu a primeira pergunta dizendo que *“se sentia mais seguro e confiante por causa do grupo e das orientações sobre saúde”*. Ficou pensativo e em silêncio por alguns instantes, concluiu: *“a gente se sente só , precisa de um conselho e pede um força...não sei se sei me expressar...”*

Estimulado a falar o que estava sentindo disse: *“Tenho dificuldade de guardar as coisas, de gravar mesmo o que é passado, mas procuro estar atento da melhor maneira possível, pois estamos sempre vivendo e aprendendo... Nisso aí eu vou passando meus poeminhas.”*

Os poeminhas são na verdade, os poemas que ele faz em diversas ocasiões o que lhe conferiu o reconhecimento como “poeta” pelos participantes do grupo.

Sendo assim indaguei como surgiu a história de fazer poemas e ele disse: *“Em 2005 eu estava em outro grupo, lá do Parobé (Porto Alegre), e fui convidado para ser Mister...e lá no Salão, na cidade de Bagé, eu fiz um poema...aquele que tu tens...Flores do meu jardim...o pessoal se encantou...disputei o mister ...naquela época passei por um mau momento, eu estava de muletas e braço trincado...dias antes eu tinha caído, estava machucado. O médico tinha autorizado eu viajar, mas só podia ir de cadeira de rodas. Quando desfilei eu estava muito emocionado e declamei o poema que tinha feito, foi uma choradeira, fui aplaudido, abraçado...mas não desfilei na cadeira de rodas, me levantei e andei, assim meio trôpego mesmo.”*

Questionei se ele percebia alguma relação com o fato de estudar e criar poemas, prontamente respondeu: *“Sempre tenho um trocadilho na mente para fazer os poemas. Eu acho que está ligado sim com os estudos... Sim... Mas eu acho que tenho o dom. Sabia que o meu pai era analfabeto, mas sempre tinha um trocadilho na ponta da língua? E eu puxei a ele. Sabe aquele (refere-se ao poema) o que fiz para o ano novo? Eu estava descansando e me veio a ideia, estava pensando na vida (coloca as mãos atrás da cabeça em uma pose de relaxamento) e as palavras vieram... fui lá e escrevi... mas antes eu tinha dificuldade de colocar no papel...faltava estudo...conhecimento...coragem...eu sempre trabalhei muito na minha vida...imagina... eu parei de escrever há mais de 60 anos...tem muito a ver com estar aqui na Ritter...tem muito significado ...”*

Relevante a percepção do senhor Narciso quando usou a palavra significado para atribuir importância a aprendizagem escolar construída no próprio grupo. Concordo com Scharfstein quando afirma

Entende-se, assim, que a educação permanente com idosos, além de ser uma possibilidade educativa, é também uma possibilidade de inserção social. Trata-se de mais um recurso para a reconstrução da identidade social da pessoa idosa, tendo em vista que, até muito recentemente, os idosos eram frequentemente excluídos do processo de educação permanente. (SCHARFSTEIN, 2006, p.285)

O senhor Narciso ficou visivelmente enternecido ao relatar sobre o seu processo de escrever poemas e perguntei se desejava falar mais alguma coisa sobre a sua vida. Então esse senhor de 83 anos de idade que pouco frequentou à escola em sua infância, e que hoje se permite ser estudante, relatou parte de sua trajetória de vida. Falou da superação das *“limitações impostas pela vida ou pelas pessoas”*. O sentimento de pertencer a um lugar, a um grupo perpassou suas palavras quando afirmou: *“Ah...a minha vida...cheguei aonde cheguei e onde estou...só no peito (bate no peito com a mão fechada) e com minha capacidade, com visão de negócio, mesmo. Eu fui lavador de batatas, depois colhia uvas e pêssegos para vender como quitandeiro, mais tarde fui viandeiro, vendia vianda de comida que a minha santa mãezinha fazia, trabalhei como jardineiro, caixeiro de armazém até 15/07/1942. No dia 16 comecei como relojoeiro com carteira assinada e tudo. Depois eu servi ao exército e quando dei baixa fiquei como autônomo. Trabalhei duro e fui bem reconhecido como relojoeiro, tinha clientes por muitos pontos da cidade (Porto Alegre) e até em outras cidades, me dedicava, mesmo. Trabalhava 16 horas por dia, com afinco. Me aposentei com 49 anos de idade e tinha 35 anos de serviço. Contratei advogado para comprovar e ele não fez nada, só disse não vai dar, não tem jeito de provar. Ah...daí eu mesmo cuidei de tudo, fui desde o porteiro do INSS até o presidente, perguntando o que eu precisava e indo a trás. Fiz sozinho, perguntando e buscando os registros, os documentos que diziam que eu era relojoeiro, a certidão dos filhos, o registro da casa que eu tinha comprado...foi uma maratona e tanto, comprovei tudo, todo o meu trabalho de relojoeiro que sempre deu sustento para a minha família...tu sabe bem do que eu estou falando...do meu patrimônio que não era pequeno...e ainda é razoável...Eu comecei meu negócio próprio em 1959, na avenida T. (Porto Alegre) uma relojoaria e só prosperei...tudo com muito trabalho. E, nesse tempo, minha querida, o que não faltou foi gente querendo me derrubar, me caluniando e até me prejudicando. O que eu sinto mesmo é que aqui no Grupo Revivendo a Vida eu tenho ajuda para as minhas dificuldades. Posso dizer assim...hoje eu tenho onde buscar.”*

Fazer parte desse grupo afeiçoou uma relação de confiança ao senhor Narciso capaz de promover um sentimento de segurança e conforto tão claramente expresso nas últimas linhas de sua narrativa. Suas palavras me fazem pensar na intencionalidade educativa para adultos maduros e idosos de formar cidadãos autônomos que construam o seu próprio processo de conhecimento. Quando disse *hoje eu sei onde buscar* é possível articular o seu pensamento com a premissa de que a educação proporcionada aos estudantes deve gerar a capacidade de autonomia na vida diária, promovendo a qualidade de vida e a aprendizagem ao longo da vida.

4.6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES REFLEXIVAS

A partir das entrevistas realizadas e, também, com base nas observações e na análise documental foi possível traçar algumas considerações acerca da indagação que deu origem a essa pesquisa. Como as atividades pedagógicas se relacionam com a vida cotidiana desses sujeitos do Grupo Revivendo a Vida, suscitaram lembranças e diversos discursos. As reflexões construídas foram agregadas em quatro temas centrais: a memória, a convivência, a imagem positiva de si mesmo e manter-se atualizados.

Em suas falas os entrevistados reconhecem a importância de preservar a memória e que as atividades pedagógicas podem ser promotoras para a manutenção das lembranças e um bom exercício cerebral capaz de fortalecer a saúde cognitiva. Preocupam-se com a opinião dos médicos quando os mesmos afirmam com naturalidade que a perda de memória é uma característica do envelhecimento, algo considerado normal para a velhice. E assim, tão naturalmente, os médicos parecem ignorar a preocupação que tal afirmação demanda aos idosos.

De acordo com algumas leituras e incursões na complexa obra “A memória, a história, o esquecimento” de Paul Ricœur (2007), busco amparo para afirmar que só há história e memória porque há o esquecimento. A importância de esquecer faz sentido se levarmos em conta as perdas que sofremos ao longo da vida, as dores que muitas vezes nos acometem e os descontentamentos originários das frustrações e dos impedimentos. Certamente os idosos precisam esquecer para suportar as perdas decorridas ao longo de suas vidas, assim como afirma um participante do grupo de 78 anos: “*não é nem uma questão de falta de memória ou esquecimento é, antes de tudo, sofrimento.*”

Sendo assim, penso que o esquecimento tem a ver com a problemática da memória e da fidelidade ao passado. Pode ser percebido e entendido como uma constante ameaça à

memória e à história. Se pensarmos o esquecimento como dano, fraqueza ou lacuna terá a memória como luta contra o esquecimento. Ao mesmo tempo uma memória que não esquece torna-se monstruosa. Assim observa a senhora de 81 anos quando afirma: “*tem coisas que a gente não quer e não precisa lembrar para poder ser feliz ainda*”. Essas afirmações me possibilitam pensar que esses esquecimentos também ocorram com a memória de um povo que viveu em tempos de guerra, de sofrimentos e privações.

Igualmente, busco nas leituras e nos estudos do pesquisador Iván Izquierdo (2007), algumas evidências relativas ao esquecimento. A velhice é comboiada de um enfraquecimento geral dos vários tipos de memória pela diminuição gradativa do número de neurônios que acontece na idade adulta. A isso ele chama de *amnésia senil benigna*, pois não decorre de nenhuma doença degenerativa. Contudo, não deve ser enleada com a disposição que as pessoas idosas têm de evocar memórias antigas em prejuízo das mais recentes. Por diferentes e distintos motivos o fazem.

Em geral, as pessoas idosas demonstram preocupação em envelhecer e não sofrerem prejuízos com a memória. Há o medo, por exemplo, de esquecer o rosto do filho que já faleceu, conforme desabafo de uma senhora de 81 anos. O pesquisador Iván Izquierdo aconselha algumas medidas consideradas clássicas para a manutenção da memória, tais como: não fumar, não beber, uma dieta alimentar equilibrada, manter-se ativo e estimular a vida afetiva e cognitiva. Cultivar amizades e vínculos familiares favorece a permanência das recordações fundamentais para os sentimentos e as emoções. Praticar a memória cotidianamente é um excelente exercício. A leitura é o melhor exercício porque abarca todas as formas de memória.

Corroboro com Izquierdo (2007, p.22) quando reflete que “*em boa parte esquecemos para poder pensar, e esquecemos para não ficar loucos; esquecemos para poder conviver e para poder sobreviver.*”

Além disso, outro tema central que a pesquisa evidenciou foi a convivência. Estar com outras pessoas em um espaço educativo parece promover o bem estar e a sensação de pertencimento, tendo em vista que a maioria dos idosos não usufrui da companhia de seus familiares durante o dia e que, alguns, residem sozinhos. Sabemos que os grupos de convivência de e para idosos surgiram como alternativa de mantê-los ativos e envolvidos em diferentes atividades que deem conta de suas necessidades e, assim, proporcionar bem-estar, prazer e alegria em estarem vivos.

Corroboro com Madalena Freire (apud Lima 2000), quando reflete sobre a construção de um grupo

Um grupo se constrói através da consciência da presença de seus elementos na construção da rotina e de suas atividades. Um grupo se constrói no trabalho árduo de reflexão de cada participante e do educador. No exercício disciplinado de instrumentos metodológicos, educa-se o prazer de se estar vivendo, conhecendo, sonhando brigando, gostando, comendo, bebendo, imaginando, criando, e aprendendo juntos, num grupo. (LIMA, 2000, p.59)

A convivência em grupo parece garantir a esses idosos um lugar de descobertas, desafios e superação. Conviver precisa dar conta de reconhecer o outro como um sujeito único, com sua história de vida e as marcas advindas das relações sociais estabelecidas ao longo da vida. E, além disso, ficou evidenciado a relevância dessa convivência no grupo nas palavras do senhor Narciso *“o que eu sinto mesmo é que aqui no Grupo Revivendo a Vida eu tenho ajuda para as minhas dificuldades. Posso dizer assim... hoje eu tenho onde buscar.”* A expressão “onde buscar” pode ser compreendida para além de um espaço físico, pode ser representada por uma rede de relações sociais que se formou entre e no grupo em que esses sujeitos se reconhecem se respeitam e se aceitam como são.

Outro tema central dessa pesquisa foi à imagem que o idoso tem de si mesmo. Busco referência na pesquisa “Idosos no Brasil – Vivências, desafios e expectativas na terceira idade” (2007) no que diz respeito à imagem e à autoimagem da velhice. Essa pesquisa mostrou que a representação tradicional do velho vem sendo questionada na sociedade. Segundo Goldfarb e Lopes

O bem-estar emocional e psíquico melhora quando os idosos mantêm vínculos, em primeiro lugar com amigos, uma vez que os relacionamentos são de livre escolha; em segundo lugar, surgem os vizinhos, com os quais é possível montar uma rede solidária, e só em terceiro lugar aparece como importante o convívio com a família, que é identificada como um espaço social de vínculos muito fortes, marcados pela obrigação e, em consequência, altamente conflitivos (GOLDFARB E LOPES, 2006)

É perceptível a mudança que ocorre nas pessoas à medida que passam a fazer parte do grupo. Desde o cuidado com a aparência como a forma de se vestir ou ajeitar os cabelos, o uso do batom ou da camisa bem passada. Demonstrem alegria em estar no grupo e participam ativamente das conversas, discussões e decisões. Parece-me que se redescobrem como sujeitos inteligentes, capazes, e ávidos para saborear as aprendizagens que constroem no grupo. Isso não quer dizer que se supervalorizem ou se julguem melhores do que os outros, apenas que se veem de maneira mais positiva.

Finalmente, manter-se atualizado, outro tema central, corrobora o que a Pedagogia de Projetos tem evidenciado ao longo desses anos no Grupo Revivendo a Vida. Os temas dos projetos pedagógicos, elencados pelos estudantes, demonstram a preocupação que o grupo tem em estar em sintonia com os acontecimentos atuais no mundo. Os estudantes adultos maduros e idosos trazem para a sala de aula suas dúvidas, suas inquietações e seus saberes. Procuram entender melhor o mundo em que estamos inseridos a partir dos conhecimentos científicos produzidos na escola.

Os Projetos de Trabalho desenvolvidos ao longo dos semestres foram escolhidos pelo grupo de estudantes, a partir de seus interesses e necessidades. Em um primeiro momento muitos temas foram sugeridos e o critério de seleção foi a argumentação realizada pelos estudantes de forma individual ou em grupo. Após a argumentação foi realizada a escolha do tema através de votação aberta. Esse processo estende-se por alguns dias e pode ser ancorado em recursos multimídias, gráficos, portadores textuais ou pela exposição oral fundamentada no desejo de conhecer e de aprender.

É possível observar que as temáticas escolhidas pelos estudantes idosos apontam para uma preocupação em buscar esclarecimentos sobre assuntos já conhecidos. Parece relevante a tentativa de comprovar os saberes empíricos e torná-los conhecimentos científicos. Porém, o que caracteriza a busca parece ser uma preocupação em ficar em sintonia com os acontecimentos atuais desse mundo globalizado, onde a velocidade da informação atropela a todos. Entender, à luz dos estudos acadêmicos, o que acontece no mundo parece oportunizar sentimentos de pertencimento, de inclusão social e de satisfação consigo mesmo.

Alguns projetos desenvolvidos no Grupo Revivendo a Vida:

- **Estatuto do Idoso, políticas públicas e saúde.**

A preocupação com os direitos humanos e, principalmente, com os direitos dos idosos tem papel fundamental nesse grupo de estudantes. A preocupação e o desejo de entender a Lei 10.741/2003, em seus diferentes artigos, deu origem ao projeto **Estatuto do Idoso, políticas públicas e saúde**. Ter acesso ao documento mostrou ser insuficiente para a construção dos conhecimentos acerca de seus direitos. A busca por matérias publicados na mídia evidenciou a emergência de saber mais sobre os direitos das pessoas idosas. Inúmeros recursos serviam para os estudos e algumas dúvidas foram sanadas e surgiram outras. A vontade de socializar com outras pessoas da comunidade o acesso a essas informações acarretou um Seminário Aberto. A organização, o planejamento e a execução do mesmo ficaram a cargo dos

estudantes do curso de Direito dessa IES, orientados por uma professora extensionista do referido curso e o Grupo Revivendo a Vida participou ativamente desse processo.

Ressignificar os conhecimentos acerca do assunto trouxe um novo jeito de olhar tais questões e um sentimento de pertencer ao mundo. Uma das estudantes com 66 anos relatou que *“agora quando ouço as notícias na televisão eu entendo de outro jeito e posso ver quando as notícias estão escondendo algo”*. Outro estudante de 82 anos relatou a alegria de ouvir os jovens conversando e poder *“participar e contribuir com informações que são verdadeiras e até estão na lei.”* Nos depoimentos da turma, dias após o referido seminário, os relatos apontavam para uma postura reivindicatória por seus direitos no ônibus, nas filas e em atendimentos no posto de saúde. Não silenciar frente às injustiças e abrir caminhos para aqueles que serão os velhos no futuro parece que ficou como uma tarefa a ser cumprida. O quanto estar no mundo de forma consciente e política pode ser favorecedor de uma imagem positiva de si mesmo, de sujeito que aprende e ensina e que tem preocupação com uma sociedade mais justa para todas as idades.

- **Solidariedade e amor ao próximo em busca da união e cooperação**

A maioria dos idosos dessa turma é comprometida com as questões sociais de seu bairro, da igreja, da associação de bairro ou em campanhas pontuais. Demonstram que há uma necessidade de fazer o bem, principalmente nessa época da vida. Será um resgate de suas próprias vidas? Ou será uma preocupação genuína com o bem estar dos outros? De qualquer forma envolvem-se em muitas ações solidárias. No desenrolar do projeto **Solidariedade** alguns conceitos foram conhecidos e estudados abrindo um leque de novas informações que resultaram a construção de novos conhecimentos, tais como: ONGs, responsabilidade social, filantropia, ação solidária, etc. O que emergiu no grupo Revivendo a Vida, desse estudo, foi à concretização de uma ação solidária em um espaço asilar para idosos. Feita a busca e após muitas combinações, o grupo organizou uma campanha para a arrecadação de roupas e alimentos. Na culminância deste projeto, o grupo passou um domingo especial em companhia dos idosos asilados em uma instituição situada no bairro do centro universitário. O grupo cantou e encantou a todos no salão da referida entidade. E o mais importante de tudo, o Grupo Revivendo a Vida conheceu de perto a velhice apartada dos familiares e dos amigos. Foi uma excelente oportunidade para o autoconhecimento dos participantes do grupo, mas também para aqueles e aquelas que vivem no asilo. É preciso registrar que alguns estudantes, após a visita, demonstraram forte preocupação com o seu futuro. O medo de ter que morar em um asilo, onde parece inexistir privacidade e a subjetividade sinalizou a incerteza no futuro,

principalmente quando as relações parentais são conflituosas. De qualquer forma, a oportunidade foi profícuo como estímulo para a reflexão e a promoção de mudanças nas relações sociais familiares.

▪ **Memória**

No projeto **Memória** o interesse era proveniente pela relevância do tema e pelas recentes descobertas no campo da neurociência. Envelhecer, em tempos de mudanças tão profundas, traz em seu bojo o imprescindível desejo de conhecer o funcionamento do cérebro e a capacidade da memória. A curiosidade em aprender sobre um tema presente na mídia que, ao mesmo tempo em que rompe com algumas certezas, confirma velhos preceitos. Um dos estudantes ansiava por saber *“Eu, aos 78 anos, preciso entender o que é afinal a tal plasticidade, e o que pode me servir?”* Nota-se a preocupação em compreender, em conceituar, mas acima de tudo poder estabelecer relações com os conceitos já aprendidos ao longo da vida e sua aplicação na vida cotidiana. Durante a realização desse projeto o envolvimento e o compromisso com a aprendizagem se fizeram presentes de muitas formas, desde a mais simples observação de imagens até a busca do entendimento das complexas relações entre os neurônios, dos diferentes tipos de memórias e como preservá-las. A aplicação do conhecimento na vida diária confere à aprendizagem uma importância ímpar. Reconhecer-se como um sujeito capaz de aprender e, descobrir que esquecer faz parte da vida saudável do cérebro, impõe novo significado ao processo da aprendizagem durante toda a vida. A preocupação em envelhecer de forma saudável e aprender sobre as ações preventivas foi o mote do projeto que esclareceu e foi alvo de muitas pesquisas e estudos.

▪ **Brasil Brasileiro**

O projeto **Brasil Brasileiro** nasceu da curiosidade em conhecer e compreender as tantas diferenças culturais que constituem o povo brasileiro. Havia, por parte do grupo, o reconhecimento da complexidade dessa temática e das inúmeras possibilidades de construir novos conhecimentos sobre as regiões do Brasil. Como um estudo de caráter interdisciplinar pretendeu abordar as questões étnicas, geográficas, históricas, lingüísticas e de comportamento. As estratégias desenvolvidas pelos estudantes contemplaram diversas experiências de aprendizagem ora realizadas individualmente ora realizadas no coletivo. A releitura de mapas e gráficos sinalizou novos sentidos construídos no desenrolar do projeto. Expressões como: *“mas dá para ler um mapa?”* *“agora sim, eu sei o que isso quer dizer”*, *“antes eu não imaginava como ler um mapa”*, *“cada povo com sua cultura não dá para*

julgar ninguém". Interessante perceber as relações estabelecidas com os saberes já constituídos ao longo de suas vidas e o quanto as novas informações provocavam o desequilíbrio e a desconstrução para novo ajustamento e a formação de novas concepções. A culminância deste projeto deu-se com a apresentação artística e cultural de danças típicas e músicas regionais do Brasil, em uma Mostra Pedagógica do Curso de Pedagogia dessa IES.

▪ **A Escravidão sob outro ponto de vista**

Como sugere o título do projeto **A escravidão sob outro ponto de vista** foi gerado pela indignação de alguns estudantes afro-descendentes acerca do tema. Naquela época, algumas reportagens sobre o racismo e a negação do mesmo estavam na mídia televisiva e impressa. E esses formadores de opinião, instigaram o grupo a estudar e desenvolver o mencionado projeto. Era fundamental para que os estudantes compreendessem o mundo contemporâneo buscando o acesso às informações e pudessem analisar e interpretá-las à luz do contexto social em que ocorreram. Essa mirada sócio histórica sobre o passado, com um olhar mais crítico oportunizou ao grupo revisitar a sua própria biografia, a sua própria história enquanto aprendiz. Uma tomada de consciência, de luta e de empoderamento pode ser referido como o coroamento deste estudo. Os depoimentos demonstraram o racismo sofrido e, algumas vezes, o racismo velado. E quanto dessas impressões constituíram cada pessoa em sua formação subjetiva. Uma das estudantes de 82 anos denunciou como era referida na escola *“aquela negrinha... ela é bem limpinha”* e o quanto a idéia de ser limpinha foi marcante em sua vida. Além de outros depoimentos dos estudantes idosos acerca dos impedimentos sofridos na busca de vaga de trabalho, de estudo e em espaços públicos das cidades quando a cor da pele valia mais do que tudo.

O trabalho pedagógico com projetos possibilita resgatar os saberes escolares desse grupo de sujeitos que vivenciou uma escola tradicional que enaltecia a figura do professor como o único detentor do conhecimento. Uma escola que era para poucos e que imprimiu a marca do fracasso escolar em suas vidas. No cotidiano da sala de aula, percebia que esses adultos maduros e idosos, em sua maioria, inicialmente sentiam-se incapazes de responder à altura das demandas cognitivas. Foi preciso desenvolver a capacidade de conhecer-se e reconhecer-se como sujeito capaz de aprender e aprender por toda a vida.

Corroboro com Barbosa (2008, p.09) quando afirma que

Um projeto é uma abertura para possibilidades amplas de encaminhamento e de resolução. Ele envolve uma vasta gama de variáveis, de percursos imprevisíveis,

imaginativos, criativos, ativos e inteligentes, acompanhados de uma grande flexibilidade de organização. Os projetos permitem criar, sob forma de autoria singular ou de grupo, um modo próprio para abordar ou construir uma questão e respondê-la. A proposta de trabalho com projetos possibilita momentos de autonomia e de dependência do grupo; de cooperação do grupo sob uma autoridade mais experiente e também de liberdade, momentos de individualidade e de sociabilidade; de interesse e de esforço; de jogo e de trabalho como fatores que expressam a complexidade do fato educativo.

Cogitar com a Pedagogia de Projetos sugere o olhar atento dos educadores, bem como a sensibilidade para enxergar para além do que está posto e poder descortinar outras possibilidades, é “*desanuviar o que antes era nebuloso*” como narrou uma das senhoras de 74 anos a respeito de sua própria aprendizagem. Sendo assim, pode-se afirmar que a Pedagogia de Projetos é uma concepção de aprender que valoriza as vozes dos que agora são ouvidos e que assinalam o que desejam aprender, como e para que aprender.

Aprender pela Pedagogia de Projetos, como afirma Maria Carmen Barbosa (2008), tem a ver com a interação, com pessoas participando ativamente, interagindo uns com os outros, é uma prática emocional, é uma questão cognitiva e comportamental, um apaixonante exercício do pensamento. É poder perguntar e ter dúvidas. Investigar e sentir prazer em aprender e manter-se atualizado.

Corroboro com Steinberg e Kinchelol (2000:15) quando afirma que aprender por projetos é a “*a aprendizagem profunda que supõe uma mudança na própria identidade, compromete nosso desejo (nosso investimento afetivo sobre o que nos cerca), capta nossa imaginação e constrói nossa consciência*”.

Segundo Barbosa (2000) *as novas reflexões sobre as pedagogias de projetos procuram superar essa visão da atividade em si, como era apregoada pela Escola Nova, de princípios do século, para a escola investigação, promotora do crescimento autêntico...*

E vale lembrar que nessa concepção a aprendizagem é construída em interação social, em um processo contínuo e dinâmico de construção e desconstrução. Em que todos os sujeitos envolvidos são portadores de histórias de vida, com suas concepções de homem e de mundo.

Tem sido assim neste grupo de pessoas idosas e em processo de envelhecimento, que buscam na aprendizagem a realização de antigos sonhos, e o desejo de ser e pertencer a este mundo letrado. Valorizar seus saberes e as experiências vividas, ensinar e aprender numa relação que humaniza e enriquecem a todos que se permitem experimentar. Contudo acredito

que a Pedagogia de Projetos pode estar aliada a construção de uma nova velhice em que os baldrames estejam vinculados à educação e a aprendizagem.

Conforme Doll (2008) apesar das diversas e diferentes discussões nas últimas décadas sobre envelhecimento e educação, ainda hoje, parece importante destacar três áreas: primeiro o trabalho educacional com pessoas maduras ou idosas como cursos, palestras e trabalhos sócio educativos. A segunda área, quando a temática do envelhecimento interessa não somente aos idosos, mas a outras faixas etárias, como por exemplo, a abordagem da temática envelhecimento na escola ou em cursos para as pessoas se preparem para a velhice. E a terceira área refere ao desenvolvimento profissional das pessoas que trabalharão com idosos em cursos de atualização e formação.

Para Doll (2008) essas três interconexões entre educação e envelhecimento não se desenvolveram do mesmo jeito. O trabalho educacional com pessoas idosas cresceu e se diversificou nas últimas décadas enquanto as outras duas áreas ainda são insipientes. Entretanto é possível refletir se esse crescimento e diversificação têm como protagonista o próprio adulto maduro e idoso como sujeito da própria vida.

6 CONCLUSÃO

Não sei... Se a vida é curta
Ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos
Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.
Muitas vezes basta ser:
 Colo que acolhe,
 Braço que envolve,
 Palavra que conforta,
 Silêncio que respeita,
 Alegria que contagia,
 Lágrima que corre,
 Olhar que acaricia,
 Desejo que sacia,
 Amor que promove.
E isso não é coisa de outro mundo,
 É o que dá sentido à vida.
 É o que faz com que ela
 Não seja nem curta,
 Nem longa demais,
 Mas que seja intensa,
Verdadeira, pura... Enquanto durar
Saber Viver- de Cora Coralina

Concluir com um poema da poetisa Cora Coralina é uma alternativa simbólica que tenta apreender as diferentes escolhas que cada pessoa pode fazer em qualquer época de sua vida... Mesmo quando não escolhemos algo ou alguém o faz por nós. No meu entendimento, Cora Coralina simboliza a possibilidade de *ser mais* pela escrita de seus poemas em uma fase da vida em que muitos não são mais acreditados, amados e reconhecidos como sujeitos de direito. E essa poesia reúne o que me parece ser essencial quando fazemos educação de adultos e acreditamos que é possível construir um tempo melhor para todos e todas...

No decorrer dessa escrita, espero ter evidenciado que escolhi ser professora de adultos e venho me constituindo enquanto pesquisadora na relação com os estudantes adultos maduros e idosos do Grupo Revivendo a Vida e, também, com os estagiários, monitores e profissionais voluntários. Assim como pelas leituras e estudos, tenho refletido e construído novos conhecimentos.

A pesquisa com e no Grupo Revivendo a Vida tornou evidente algumas das hipóteses que construí ao longo desses anos como educadora envolvida e comprometida com e na educação de adultos. Contudo essa pesquisa apontou também, outras questões.

Para mim era perceptível o desejo que os adultos maduros e idosos demonstravam em continuar aprendendo e construindo novos significados para suas dúvidas frente a este mundo letrado e em constante mudança. Os estudantes adultos maduros e idosos chegaram ao grupo,

ávidos pelo conhecimento, desejosos de escrever bem, falar de forma correta, mais culta e entender as demandas do mundo em que vivemos. Queriam recuperar o tempo que julgam “perdidos”. Alguns queriam buscar a chance de retornar à escola, pois a vida havia sido dura demais para eles. Então, era preciso investigar como a experiência pedagógica no Grupo Revivendo a Vida se relaciona com o cotidiano desses sujeitos.

Frequentar o ambiente acadêmico ressignificando as aprendizagens escolares e, concomitantemente, permitir-se estar em um lugar de estudante anuncia que é possível viver a velhice de uma forma bem sucedida e feliz. A convivência entre os pares apresentou-se como possibilitadora para a oportunidade de trocar experiências similares, dividir as angústias e reconhecer que suas vivências não são estranhas ao grupo. Não ter vergonha de perguntar ou explicar a ignorância em determinados assuntos, não ter medo de tornar público suas dúvidas e incertezas. Tal convivência foi constituindo uma identidade de grupo em que esses sujeitos aprenderam a lidar com suas diferenças e, também, com as diferenças dos outros, desenvolveram um sentimento de companheirismo onde “*ninguém sofre sozinho e um ajuda o outro*” como diz a letra do hino criada por dois dos participantes do grupo.

Entretanto, para mim, foi surpreendente apesar das leituras feitas, a comprovação de que a convivência entre gerações pode ser tão profícua e alicerçar a construção de novos conhecimentos e de reconhecimentos pessoais. Os jovens monitores e estagiários tem estado ricamente engajados a esse projeto, vem construindo, cada um a seu modo, uma relação de respeito e consideração aos saberes que os estudantes adultos maduros e idosos construíram ao longo de suas vidas. Enfim, as relações intergeracionais positivas demonstraram que todas as idades podem aprender e ensinar entre si, que todos têm algo para oferecer a alguém. Em todas as idades há sempre o que aprender e o que ensinar.

Como envolver um grupo de adultos maduros e idosos que busca aprimorar e ampliar seus conhecimentos acerca da vida e do processo de envelhecimento humano? Como tornar a aprendizagem significativa e contextualizada para essas pessoas que vivenciaram uma escola excludente e centrada no saber do professor? Além disso, qual a abordagem mais adequada para a realização de um projeto que pretende incitar o gosto pela pesquisa e pelo conhecimento? Como resgatar os saberes escolares e transformá-los em conhecimento científico? Qual o caminho a ser percorrido que respeite os saberes prévios e as vivências construídas ao longo de suas vidas? Pode-se pensar a Pedagogia de Projetos como uma epistemologia do conhecimento para um bem estar na velhice ?

Pensar no caminho percorrido até aqui, evoca a reflexão sobre a metodologia didática utilizada na tentativa de responder a tantos questionamentos. Ao escolher uma determinada metodologia em detrimento a outra, evidenciamos a nossa visão de homem, de mundo e de sociedade. Não há caminho neutro ou isento de ideais e de sonhos. É fundamental estar atento às suas falas, acolhendo suas demandas e promovendo a autonomia intelectual dessas pessoas. O espaço da sala de aula torna-se um espaço de diálogo, de reflexão, de troca e de comunhão, onde aprendemos uns com os outros. Onde a diversidade é reconhecida e respeitada e as especificidades no processo de envelhecimento humano passam a ser estudadas, compreendidas e relacionadas aos saberes já instituídos por esses sujeitos.

De acordo com Doll e Rosa (2004, p.37)

Hoje, a metodologia é somente uma parte do processo. O sucesso ou não do ensino se deve a um conjunto de fatores, entre os quais pode-se destacar a relevância e o significado dos conteúdos, a relação professor-aluno (respeito mútuo, diálogo, etc), a seriedade e as condições do trabalho tanto do aluno quanto do professor, as relações dentro da sala de aula, dentro da escola, da escola com a comunidade, a consideração do contexto sociocultural, etc.

Contudo, em minha concepção educativa acreditava que as questões pedagógicas careciam de uma metodologia didática suficientemente bem estruturada para tentar dar conta do conhecimento a ser construído com pessoas alijadas da escola há 50, 60 ou mais anos. Sendo assim, mesmo não sendo o foco dessa pesquisa, acredito que a mesma evidenciou que a Pedagogia de Projetos corrobora como uma postura pedagógica adequada para a inserção de estudantes adultos maduros e idosos desenvolverem e /ou manterem a sua capacidade cognitiva para compreenderem o mundo em que estão inseridos. A escolha das temáticas a serem estudadas por parte dos estudantes possibilita que se tornem participantes ativos em seu próprio processo de aprendizagem. Assim como desenvolve a autonomia, o espírito crítico e a cidadania. E, além disso, pode manter os estudantes adultos maduros e idosos atualizados com as diferentes questões contemporâneas de nossa sociedade.

A metodologia didática que permeia a ação educativa desse projeto é a Pedagogia de Projetos. Tal concepção pretende dar conta dos desejos e das necessidades do Grupo Revivendo a Vida. Sendo assim, os sujeitos envolvidos escolhem a temática a ser estudada,

bem como a abordagem a ser desenvolvida na ressignificação dos saberes e na construção de novos conhecimentos. A autonomia na construção do próprio conhecimento vai se estruturando a partir das escolhas e decisões próprias. As metas a serem alcançadas são definidas de forma coletiva envolvendo educandos e educadores. Os projetos pedagógicos são recursos que dão vida ao conteúdo a ser desenvolvido. Os saberes dos educandos são valorizados e reconhecidos como parte admirável na construção de suas subjetividades.

Tal postura implica e compromete tanto os educandos quanto os educadores que necessitam pesquisar, ler, reler e desacomodar-se e reinventar-se enquanto sujeitos em processo de aprendizagem. Relevante considerar o envolvimento de todo o grupo no processo da Pedagogia de Projetos onde as temáticas podem surgir de qualquer pessoa, quer seja de um estudante, um grupo ou do professor. Importante é o tratamento dado ao assunto que passa a ser uma questão de grupo. Portanto não é a origem do tema que o fará relevante, mas ser um problema de todo.

Simplificando e sem a intenção de reduzir a sua importância, as etapas de um projeto podem ser assim descritas: problematização, desenvolvimento e síntese.

Como *problematização* entende-se o início do projeto onde os estudantes expressam suas idéias e hipóteses sobre o problema em questão. A intervenção pedagógica deverá partir dessas hipóteses. O que os estudantes sabem e o que ainda não sabem sobre o tema. E a partir desses questionamentos o projeto deverá ser organizado pelo grupo de estudantes.

No *desenvolvimento* são criadas as estratégias para responder às hipóteses e as questões elencadas na problematização. Nesse momento os estudantes precisam ficar frente às situações que os façam comparar pontos de vista, rever hipóteses, conhecer novas questões postas pela ciência. Importante nessa fase é a apresentação de propostas de trabalho em que sair do espaço escolar seja necessário, assim como receber convidados e conhecer outros pontos de vista diferentes dos seus. Provavelmente, nesse momento, os estudantes estarão em conflito, inquietos e em desequilíbrio com suas hipóteses iniciais.

Em *síntese* podemos referir que as convicções iniciais são superadas e outras de maior complexidade são construídas. Novas aprendizagens se consolidam nos esquemas cognitivos dos estudantes e servirão como conhecimento prévio para as novas situações de aprendizagem onde os estudantes poderão estabelecer relações com o conhecimento construído e aprendido.

Abrantes (1995) destaca algumas características fundamentais para o trabalho com projetos, são elas: um projeto é uma atividade intencional; a responsabilidade e a autonomia dos estudantes são essenciais; a autenticidade é retrata a partir da construção de respostas originais; há complexidade e resolução de problemas; um projeto percorre várias fases. A realização de um projeto é permeada pelo trabalho em equipe, sendo assim a cooperação passa a ter um significado fundamental na vida dos estudantes.

A necessidade de sentirem-se atualizados frente às questões contemporâneas de nossa sociedade foi evidenciada por essa pesquisa e mostrou o desejo de compreender o mundo. Em uma época de tantas rupturas e de novas configurações sociais e afetivas buscar a compreensão desse mundo confirma o desejo de continuar pertencendo a ele. A experiência pedagógica no grupo é propulsora da construção de novos conhecimentos e da ressignificação dos saberes instalados ao longo da vida.

Outra evidencia que a pesquisa apontou como contribuição das experiências pedagógicas no cotidiano do Grupo Revivendo a Vida foi o estímulo à memória, como já foi referido. A preocupação com a memória parece ser muito frequente entre as pessoas com mais idade. O medo de esquecer nomes, pessoas ou fatos pode ser assustador e favorecer a exclusão da família e dos amigos. A pesquisa evidenciou que colocar-se em um lugar de estudante estimula a atividade cerebral e desenvolve a capacidade cognitiva. É sempre possível aprender algo que se desconhecia e/ou dar um novo sentido ao que já se conhecia. Sendo assim, as atividades pedagógicas contemplam a ativação da memória quer seja pela memorização dos exercícios, quer seja pelas relações que se faz de uma nova informação com o que já era sabido. A leitura conforme ensina Ivan Izquierdo (2007) é o mais completo e eficiente exercício para a manutenção da memória.

Por último e não menos importante, a pesquisa demonstrou que as contribuições para a vida cotidiana das atividades pedagógicas desenvolvidas no Grupo Revivendo a Vida promovem a mudança da imagem que os estudantes adultos maduros têm de si mesmos. Durante a análise dos dados de pesquisa, pude perceber que a convivência com o grupo transforma os estudantes, inclusive fisicamente: os cuidados com o corpo, com a saúde, com as vestimentas, o uso de maquiagem, o corte de cabelo me parecem marcas que evidenciam as mudanças internas. Além disso, passam a fazer planos e projetos para sua própria vida. Nesse movimento percebo a busca por *ser mais* de Paulo Freire, conforme Jaime Zitkoski (2010) quando afirma que:

O que impulsiona o ser humano para o ser mais, ou para a busca de realização pessoal no impulso de superar sua incompletude, é a capacidade de tomar consciência de si mesmo e do mundo que o constitui. É por saber-se inconcluso e inacabado que o ser humano luta para superar sua atual condição. Esse movimento o impulsiona constantemente para o futuro, em busca de novos sentidos para sua existência e da autenticidade de seu próprio sentido vital. (ZITKOSKI, 2010, p. 60)

Contudo, desejo registrar minha alegria de conviver com o grupo Revivendo a Vida e reiterar a importância desse grupo para minha formação docente e o quanto essa convivência impulsiona meu desejo de aprender, e de conhecer ainda mais sobre a educação de adultos. Ao final dessa caminhada, fica-me a impressão de que me pus a caminhar mobilizada pelo desejo de *ser mais*. ... E a cada passo me vem à certeza de que ainda tenho muito a caminhar...

REFERÊNCIAS

Agência Brasil. **Cresce expectativa de vida entre brasileiros, constata IBGE**. Disponível em: <<http://www.abril.com.br/noticias/brasil/cresce-expectativa-vida-brasileiros-constata-ibge-597177.shtml>>. Acesso em: 12/04/2011.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na educação na educação infantil**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2008.

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. 5º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Ed. Editor, 1979.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo Da Memória: Ensaio De Psicologia Social**. São Paulo: 2ª Ed. Ed. Ateliê Editorial, 2004.

BOTH, Agostinho. **Educação Gerontológica: Posições e Proposições**. Erechim: Ed. São Cristóvão, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. Aparecida, São Paulo: Ed. Ideias e Letras, 2006.

CACHIONI, Meire; PALMA, Lúcia Saccamori. **Educação Permanente: Perspectiva para o Trabalho Educacional com o Adulto Maduro e Idoso**. 2 ed. In. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2006.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?: um estudo sobre professores de universidades da Terceira Idade**. Campinas, São Paulo: Ed. Alínea, 2003.

CASARA, Mirian Bonho; CORTELLETTI, Ivonne Assunta; BOTH, Agostinho. **Educação e Envelhecimento Humano**. Caxias do Sul: Ed. Educs, 2006.

DELORS, Jacques. **Educação um Tesouro a Descobrir**. Ed. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001.

DOLL, Johannes. **Educação e envelhecimento: fundamentos e perspectivas**. A Terceira Idade. SESC São Paulo, v.19, p-7-26, 2008.

DOLL, Johannes. ROSA, Russel Teresinha Dutra (org.) **Metodologia de Ensino em Foco. Práticas e Reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 6ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

FREITAS, Elisabete V.; PY, Ligia et al. **Tratado de geriatria e gerontologia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

GOLDFARB, Delia Catullo; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações.**

Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/psico/psico103.htm>. Acesso em: 14/04/2011.

GROSSI, Ione de Souza. **Mina de Morro velho: a extração do homem, uma história, uma experiência operária.** São Paulo: Paz e Terra, 1981.

HAAS, Aline Nogueira. **Expressão Corporal: Aspectos Gerais.** Porto Alegre: EDIPUC, 2008.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e Mudança na Educação: Os projetos de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. VENTURA, Montserrat. **A Organização do Currículo por Projetos de Trabalhos.** Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

IZQUIERDO, Ivan. **A arte de esquecer.** Rio de Janeiro: Ed.Viera&Lent, 2007

LIBÂNEO, Carlos José. **As Teorias Pedagógicas Modernas Revisitadas pelo Debate Contemporâneo na Educação.** 2005.

Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/16367378/Teorias-Pedagogicas-modernas-Libaneo>>. Acesso em: 01/03/2011.

LIMA, Cristina Rodrigues. **Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações,** 2007. Dissertação (Mestrado). Campinas: SP. 2007.

LIMA, Mariúza Peloso Lima. **Gerontologia Educacional. Uma Pedagogia Específica para o idoso: uma nova concepção de velhice.** São Paulo: LTr, 2000.

LOPES, Andrea. **Trabalho Voluntário e Envelhecimento: um estudo comparativo entre idosos americanos e brasileiros,** 2006. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. 2006

MATTOS, Emanuela Bezerra Torres. **O Significado do Grupo de Convivência para Idosos.** Disponível em:

http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:c8jWgMrmffkJ:www.unifor.br/oul/unsecure.jsp%3Fconteudosite/%3FcdConteudo%3D1535766+O+Significado+do+Grupo+de+Conviv%3%Ancia+para+Idosos.+Fortaleza:&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEShqAVIeVjRyQF0haWk7W5N1h3zN905bB7_UfYP5kV1yUqtfbOlyF0kRZUzTHrH7p2-RucF04byvyD3gkwY3tXOXH9XtlY0yvquX0pkVQ-sFr2Xz7E7QkbBEBbdNy2kjcknPmacT&sig=AHIEtbRRsBdjF6bE3UpQ2jculKoP0vAAGw.

Fortaleza: Fundação Edson Queiroz. Universidade de Fortaleza. 2008. Acesso em: 12/04/2011.

NERI, Anita Liberalesso. **Envelhecimento e Qualidade de vida na mulher**. 2°. Campinas: Congresso Paulista de Geriatria e Gerontologia, 2001.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). et al. **Idosos no Brasil Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

PY, Ligia. (et al). **Tempo de envelhecer: Percursos e dimensões psicossociais**. 2° ed. Holambra, SP: Editora Setembro, 2006.

RICOEUR, Paul. A memória, a história e o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2007.

SA, Jeanete Liasch Martins de. **Tempo de envelhecer: Percursos e dimensões psicossociais**. 2° ed. Holambra, SP: Editora Setembro, 2006.

SACRISTÁN, Gimeno J. **A educação que ainda é possível: ensaios sobre uma cultura para a educação**. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SACRISTÁN, Gimeno J. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Trad. Ernani F. da F. Rosa. 3ª ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

SCHARFSTEIN, Eloísa Adler. **A identidade na velhice mediada pela ação do discurso**. In: FREITAS, Elisabete V.; PY, Ligia et alii. Tratado de geriatria e gerontologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.


SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; SCHWANK, Carla Helena Augustin. **Atualizações em Geriatria e Gerontologia: da pesquisa básica à prática clínica**. Porto Alegre: TEDIPUC, 2008.

STRECK, Danilo; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. São Paulo: Ed; Ideias & Letras, 2006.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZITKOSKI, Jaime José. **Paulo Freire & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

APÊNDICE A – FICHA DE INSCRIÇÃO DO GRUPO REVIVENDO A VIDA

		Formulário do Grupo Revivendo a Vida					
Data de Nascimento		Idade					
Mora?	Sozinha			Acompanhada			
Grau de Instrução:							
Aposentado (a)?	SIM	NÃO		PENSIONISTA			
Profissão?			Renda:	Até um salário mínimo	Até dois salários mínimos	Mais de dois salários mínimos	Sem renda
Por que razão está frequentando o curso?	Para aquisição de conhecimento	Por atividade física	Por motivos artísticos e culturais		Por lazer		Por outros motivos
Como ficou sabendo do curso?			Algum problema de saúde?				
Em caso de Acidente ligar							
Endereço				Fones:			

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

Nome completo:

Data de nascimento:

Questionário

- 1) Quais suas lembranças do tempo de escola?
- 2) Como foi que você aprendeu a ler e escrever?
- 3) Quais os saberes escolares que acompanharam a sua trajetória de vida?
- 4) Por que você voltou a estudar?
- 5) Quais os resultados que você percebe em sua vida após o ingresso no Grupo Revivendo a Vida?
- 6) Quais são as suas dificuldades para aprender? Há dificuldades no grupo?
- 7) Como você percebe as diferentes atividades pedagógicas oferecidas ao Grupo Revivendo a Vida? (inglês, informática, teatro, lógica e senso comum)
- 8) Quais as suas sugestões para o Grupo Revivendo a vida?

APÊNDICE C – ENTREVISTAS**Entrevista****Nome:****Data:**

E- Como a experiência escolar no Grupo Revivendo a Vida se relaciona com a sua vida cotidiana?

E- Fale como o senhor está pensando e sentindo...

E- O senhor se refere aos poemas que faz?

E- Como surgiu essa história de fazer poemas?

E- Será que tem alguma ligação o fato de estar estudando e fazer poemas?

E- O senhor quer falar sobre isso? (percebi que ficou emocionado ao falar de sua vida)

E- Agradeço muito pela sua disponibilidade de ceder essa entrevista que vai me ajudar muito ...

Entrevista

Nome:

Data:

E- Como a experiência escolar no Grupo Revivendo a Vida se relaciona com a sua vida cotidiana?

E- E a experiência pedagógica no Grupo revivendo a Vida contribui com alguma coisa em sua vida diária?

E- Então mudou alguma coisa na sua vida?

E- Posso dizer que a senhora melhorou como pessoa?

E- A senhora mora com eles?

E- Como assim, guacho?

E-Será que uma coisa tem a ver com a outra?

E- E sua mãe não desconfiava de nada?

E- E com a senhora como foi?

E- Então para finalizar o que mais pode ser dito?

E- Quero agradecer pela entrevista que me concedeu e lhe dizer que suas palavras foram de uma formosura e uma boniteza que me emocionou... Muito agradecida!

Entrevista

Nome:

Data:

E- Como a experiência escolar no Grupo Revivendo a Vida se relaciona com a sua vida cotidiana?

E- Como assim?

E-O senhor acha estudar aqui ajuda em alguma coisa em sua vida?

E- Então posso dizer que sua memória melhorou?

E-Quantos anos o senhor tem?

E-O senhor mora sozinho?

E- Do que morreu sua esposa? Podemos falar sobre isso?

E- E o senhor não casou de novo?

E- Por quanto tempo o senhor esteve casado? Quer falar sobre isso?

E- Preciso lhe dizer que a sua entrevista foi muito interessante e agradeço muito a sua disponibilidade para estar aqui.

Entrevista

Nome:

Data:

E- Como a experiência escolar no Grupo Revivendo a Vida se relaciona com a sua vida cotidiana?

E- O que quer dizer aprender não ocupa lugar?

E- Podemos falar sobre a sua família?

E- O que quer dizer “outros assuntos de jovens”?

E- Com relação aos conteúdos estudados no Grupo Revivendo a Vida como a senhora percebe influência na sua vida diária?

E- E como é estar com 76 anos?

E- Como a senhora sente-se aqui no Grupo?

E- Eu quero agradecer a sua presença e lhe dizer que suas respostas foram muito importantes para esta pesquisa.

Entrevista

Nome:

Data:

E- Como a experiência escolar no Grupo Revivendo a Vida se relaciona com a sua vida cotidiana?

E- A senhora já participava de outros grupos?

E- O que é estudado nas aulas, o conteúdo desenvolvido, serve para a sua vida no dia a dia?

E-A senhora não se acha inteligente? Por quê?

E-O que quer dizer “abre a mente”?

E- Dos estudos feitos nos últimos projetos o que foi mais marcante?

E- Quem disse que é da idade?

E- O que a senhora pensa das aprendizagens da sala de aula?

E- O que, por exemplo?

E-O que a senhora aprende nas aulas fala para alguém?

E- Sacrifício? Como assim?

E- A senhora mora sozinha?

E- Como a senhora está se preparando para Deus?

E-Desde quando tem perda auditiva?

E- Eu quero lhe agradecer pela entrevista e a gentileza de vir até aqui. As suas respostas foram preciosas e contribuirão muito para a pesquisa.